

FERNANDA SOARES RIOS

DA FILOSOFIA AO DESIGN: UM ACORDE PSICODÉLICO

JOINVILLE

2018

FERNANDA SOARES RIOS

DA FILOSOFIA AO DESIGN: UM ACORDE PSICODÉLICO

Relatório Técnico de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Design como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pela Universidade da Região de Joinville (Univille).

Orientador: Professor Doutor João Eduardo Chagas Sobral.

JOINVILLE

2018

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

Rios, Fernanda Soares

R586f Da filosofia ao design: um acorde psicodélico/ Fernanda Soares Rios; orientador Dr. João Eduardo Chagas Sobral. – Joinville: UNIVILLE, 2018.

75 f. : il. ; 30 cm

Relatório técnico (Mestrado em Design – Universidade da Região de Joinville)

1. Desenho (Projetos). 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm. 3. Rock. 4. Cultura – Movimentos sociais. I. Sobral, João Eduardo Chagas (orient.). II. Título.

CDD 745.2

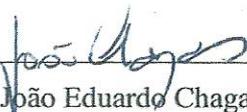
Termo de Aprovação

“Da Filosofia ao Design: Um Acorde Psicodélico”

por

Fernanda Soares Rios

Projeto Final julgado para a obtenção do título de Mestre em Design, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design – Mestrado Profissional.



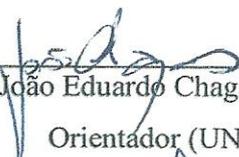
Prof. Dr. João Eduardo Chagas Sobral
Orientador (UNIVILLE)



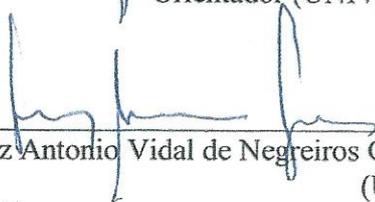
Profa. Dra. Marli Teresinha Everling

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Design

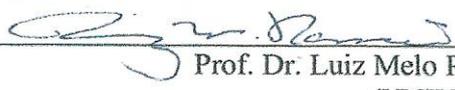
Banca Examinadora:



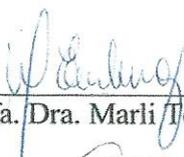
Prof. Dr. João Eduardo Chagas Sobral
Orientador (UNIVILLE)



Prof. Dr. Luiz Antonio Vidal de Negreiros Gomes
(UERJ)



Prof. Dr. Luiz Melo Romão
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Marli Teresinha Everling
(UNIVILLE)



Profa. Dra. Elenir Carmen Morgenstern
(UNIVILLE)

Joinville, 11 de dezembro de 2017

Agradecimentos

Este e-book resulta de meus estudos iniciados em 2016, sob a orientação de João Sobral (a quem primeiro agradeço), no Mestrado em Design – UNIVILLE. Muito obrigada por todos os ensinamentos e inspirações literárias.

Tal pesquisa recebeu apoio de Cristian Siqueira (diagramador), Rodrigo Padilha (designer gráfico) e sugestões refinadas oferecidas por Elenir Morgenstern, Marli Everling, Luiz Vidal e Luiz Romão em meu exame de qualificação.

Agradeço também aos meus amigos pela paciência e apoio durante este 1 ano e meio, que me dediquei de alma e coração nesta pesquisa.

Agradeço aos alunos da Univille, que participaram do meu Workshop 'Design e Rock and Roll como utopia?', que me ajudaram a concretizar o caminho a ser percorrido para o estudo aqui aplicado.

Agradeço a duas pessoas em especial: Antoni Giovanny e Gabriel Roveda. Dois seres iluminados e com corações cheios de amor, que abriram as portas de suas casas e me receberam de braços abertos. A ajuda de vocês foi extremamente importante e especial, nesta jornada.

Sou imensamente grata ao incondicional apoio, de meu pai, Paulo, minha mãe, Fátima, e de minhas irmãs Rúbia e Paola. Vocês são a base de tudo, minha força e vontade de querer abraçar o mundo, é reflexo da educação e conselhos que obtive desde o berço.

E por fim, não menos importante, sou grata, acima de tudo, ao criador, uns o chamam de Deus, outros de vácuo quântico, centelha divina, akhenaton, dentre outros... Eu o chamo de criador, pois sem ele, não seríamos co-criadores; já que estamos num universo de causa e efeito, e isso torna as coisas mais fáceis para nós; basta ter um certo tipo de pensamento e o efeito ou resultado aparecerá inevitavelmente. Pense com amor, seja o amor.

RESUMO

A presente pesquisa tem como base a Filosofia de Nietzsche, com a obra a origem da tragédia, trazendo a essência dos Deuses Apolo e Dionísio. Apolo, Deus da inocência e da beleza, com respectiva ligação a banda The Beatles, por retrataram a magia colorida e inocente por meio de suas canções. Dionísio, Deus da embriaguez, e do surreal, com respectiva ligação com a banda Pink Floyd, que por sua vez, uniam através de suas músicas e efeitos, a metafísica e a epistemologia, com ideias ligadas ao ser e absurdo da existência. Bandas pioneiras no cenário psicodélico, derivada do rock and roll e suas manifestações socioculturais entre os anos de 1950 a 1980: Movimento hippie, contracultura, geração beat, entre outros. O psicodelismo, rapidamente juntou-se ao caminhar do design, por meio do movimento pós-moderno, representado em capas de disco e artes gráficas, chegando ao design (produto) entre os anos de 1950 a 1980, com o Studio Alquimia e o Grupo Memphis.

Palavras-chave: Filosofia, Design, Rock and Roll, Psicodelismo.

ABSTRACT:

The present research is based on the Philosophy of Nietzsche, with the work the origin of the tragedy, bringing the essence of the Apollo and Dionysian Gods. Apollo, God of Innocence and Beauty, with their respective connection to The Beatles, for portraying the colorful and innocent magic through their songs. Dionysus, God of drunkenness, and the surreal, with their connection to the band Pink Floyd, who in turn, united through their music and effects, metaphysics and epistemology, with ideas linked to the being and absurdity of existence. Pioneering bands in the psychedelic scene, derived from rock and roll and their sociocultural manifestations between the years of 1950 to 1980: Hippie movement, counterculture, beat generation, among others. The psychedelic movement quickly joined the path of design, through the postmodern movement, represented in disc covers and graphic arts, arriving at the design (product) between the years of 1950 to 1980, with Studio Alquimia and the Group Memphis.

Key words: Philosophy, Design, Rock and Roll, Psychedelics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Friedrich Nietzsche.....	11
Figura 2: Universo.....	13
Figura 3: Inocência universal.....	14
Figura 4: Sgt Pepper.....	15
Figura 5: Capa de disco Rubber Soul (1965).....	16
Figura 6: Capa de disco Revolver (1966).....	17
Figura 7: Yellow Submarine psicodélico.....	18
Figura 8: Capa de disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967).....	19
Figura 9: Desenho de Lucy O'Donnell "no céu com diamantes" (1967).....	20
Figura 10: A inocência do sonho.....	20
Figura 11: Pink Nísio.....	21
Figura 12: Capa de disco The Piper At The Gates Of Dawn (1967).....	22
Figura 13: Barretóteles, natureza da identidade.....	23
Figura 14: A loucura brilhante como o sol.....	24
Figura 15: Capa de disco The Dark Side of the Moon (1973).....	25
Figura 16: Capa de disco Wish You Were Here (1975).....	27
Figura 17: Porca Algie, antes de se desprender (1977).....	28
Figura 18: Capa do disco Animals (1977).....	28
Figura 19: Capa do disco The Wall (1979).....	29
Figura 20: Universalidade dionisíaca e a natureza apolínea.....	30
Figura 21: Ramones.....	32
Figura 22: Contracultura.....	33
Figura 23: Jimi Hendrix.....	34
Figura 24: Janis Jopin.....	34
Figura 25: Mentores geração beat.....	36
Figura 26: Paz e amor.....	37
Figura 27: Woodstock (1969).....	38
Figura 28: Altamont.....	39
Figura 29: Obras superiores de Wes Wilson (1966), obras inferiores de Victor Moscoso (1967).....	42
Figura 30: Manifestação Política.....	44

Figura 31: Da esquerda para direita: Pôster para o evento Games For May (1967), pôster alternativo para o filme The Wall; O Grito, pôster oficial do filme The Wall (1982)	45
Figura 32: Reprodução mental segue a da visão? Gestalt	46
Figura 33: Dark side of the rainbow (releitura)	46
Figura 34: The dark side of the OZ	48
Figura 35: Capa do filme Yellow submarine (1968)	49
Figura 36: Capa do filme Magical Mystery Tour (1964)	50
Figura 37: Capa do filme Across the Universe (2007)	50
Figura 38: Mr side chair (1927)	53
Figura 39: Juicy Salif (1990), Philippe Starck	54
Figura 40: Os irmãos Artur e Erwin Braun (1956)	54
Figura 41: Braun Snow White Coffin	55
Figura 42: Between the chairs (1965)	56
Figura 43: Paralelo entre design e sociedade	57
Figura 44: Tipografia da Bauhaus	57
Figura 45: Grid System	58
Figura 46: Capa de disco The Who	58
Figura 47: Mobiliário Studio Alchimia	60
Figura 48: Ettore Sottsass	60
Figura 49: Mobiliário Grupo Memphis	61
Figura 50: Objetos para exposição Grupo Memphis	61
Figura 51: Sottsass projeto residencial	62

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

LISTA DE FIGURAS

INTRODUÇÃO	8
INTERLÚDIO I: Todo conhecimento implica em poder.....	11
INTERLÚDIO II: Sem música a vida seria um erro	31
INTERLÚDIO III: Temos a arte para não morrer de verdade	52
CONCLUSÃO: Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos	64
REFERÊNCIAS	67
REFERÊNCIAS IMAGENS	73

INTRODUÇÃO

**"A introdução é aquilo que não pede nada antes, mas
que exige algo depois".**

Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.)

Durante a realização do mestrado profissional, junto ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade das Região de Joinville, Univille, realizamos como projeto de conclusão de curso, um livro que trata de questões relacionadas as influências da filosofia nietzschiana adstrita ao rock and roll e ao psicodelismo, influxos que apresentaram impactos socioculturais em movimento como geração beat, movimento hippie, dentre outros e também no design dos anos de 1950 a 1980. O projeto foi desenvolvido em um formato experimental e com uma postura fenomenológica de pesquisa, por acreditarmos que este seja composto por uma visão própria sobre os fatos e temas abordados. O livro, em sua simplicidade propõe uma análise aprofundada e autoral.

Partindo do pressuposto que a filosofia de Nietzsche influenciou a cultura do rock, que por sua vez inspirou as manifestações socioculturais, com destaque ao psicodelismo. Duas grandes bandas se sobressaem nesse cenário, sendo elas The Beatles e Pink Floyd, por desenvolverem suas produções voltadas para a música psicodélica e que representam reconhecido marco destas décadas. E em paralelo ao psicodelismo encontra-se o movimento pós-moderno, que se juntou rapidamente ao caminhar do design entre os anos de 1950 a 1980. Assim, a pesquisa consistirá no Grupos Memphis, com sua linha alegre, arrojada, com formas angulares e cores contrastantes em suas obras, e no Studio Alchimia, que trouxe a ideia do re-design, a reelaboração formal de clássicos do design moderno e do design trivial.

Este trabalho apresentado em formato livro está dividido em 4 partes:

INTERLÚDIO I – “Todo conhecimento implica em poder” (Friedrich Nietzsche):
Apresentamos uma pequena introdução sobre Friedrich Nietzsche. Sua história e a

obra, “A origem da tragédia”, destacando as ligações com as bandas : The Beatles e Pink Floyd.

INTERLÚDIO II – “Sem música, a vida seria um erro” (Friedrich Nietzsche):

Encontramos, a história do *Rock and Roll*, manifestações socioculturais da época: geração beat, movimento hippie e a contracultura. O psicodelismo tanto no cenário musical, quanto no envolvimento de artes por trás das bandas The Beatles e Pink Floyd.

INTERLÚDIO III – “Temos a arte para não morrer de verdade” (Friedrich Nietzsche):

Criamos uma reflexão sobre o Design e o seu contexto, nos anos de 1950 a 1980, nos países Inglaterra, Estados Unidos da América e Itália, destacando os grupos Alchimia e Memphis, o contexto sociocultural da época e suas variáveis com influência no desempenho e nas atividades das organizações, refletindo valores, costumes e tradições da sociedade.

CONCLUSÃO – “Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos” (Friedrich Nietzsche):

Por meio de análises obtemos a conclusão obtida com o estudo.

Neste relatório técnico seguiremos uma ordem de apresentação próxima a estrutura do livro para que desta forma possa refletir o trabalho de conclusão final apresentado na banca com o formato livro.

O objetivo deste trabalho é contribuir com o mapeamento e análise dos impactos culturais da influência da filosofia de Nietzsche no rock and roll, no psicodelismo, no movimento pós-moderno e, conseqüentemente, no design, entre os anos de 1950 a 1980. A meta está trilhada sob o caminho da fenomenologia, portanto, a construção das hipóteses e o tratamento apresentam uma visão angular e própria, buscando a sofisticação na simplicidade, de forma autoral e experimental.

Esta pesquisa caracteriza-se por teórica, exploratória e bibliográfica. Procura saber se de fato existiu influências da Filosofia de Nietzsche no Rock and Roll no Design se atendo ao psicodelismo. Para tanto serão realizadas pesquisas na cultura dos seguintes países: Inglaterra, Estados Unidos da América e Itália. Estas escolhas estão fundadas nas seguintes justificativas: Inglaterra e Estados Unidos, por serem os países em que o Rock and Roll tomou origem; Itália, pelo forte suporte ao design, com o Studio Alchimia e Grupo Memphis, situados em Milão.

A metodologia do projeto será baseada nos seguintes autores: Gui Bonsiepe (1934), pela forte influência da visão restrita da escola de Ulm, Mike Baxter (1945), voltado para o planejamento do produto, com informações teóricas e visão mercadológica, e Janice Redish (1941), pelo suporte do design da informação, dando ênfase a elementos visuais, cores, estilos, tipografia.

Vale ressaltar que aqui o “design” é entendido de maneira abrangente, isto é, para além de uma atividade profissional. Desde o modo de como nos comunicamos, entendemos e vemos (objetos e imagens), até como o modo que vemos a nós mesmos e o modo como somos vistos - as articulações e possibilidades de sentido que permeiam nossas performances comunicacionais.

Filosofia, arte e design, aparecerão de forma entrelaçadas nesta pesquisa, mostrando suas existências por trás da superfície.

Descrição Conceitual

INTERLÚDIO I: “Todo conhecimento implica em poder” (Friedrich Nietzsche):

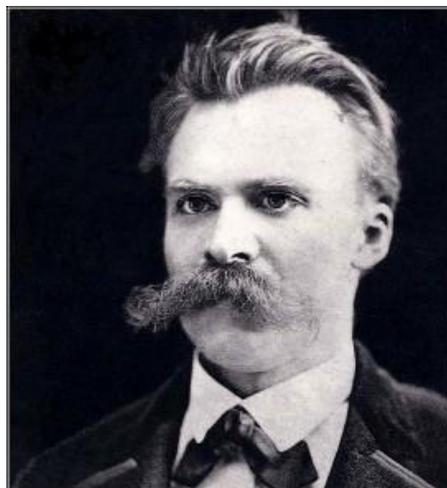
Neste prelúdio apresentamos uma pequena introdução sobre Friedrich Nietzsche. Sua história e a obra, “A origem da tragédia”, destacando as ligações com as bandas: The Beatles e Pink Floyd.

Friedrich Wilhelm Nietzsche, viveu de 1844 a 1900. Suas ideias incluíam a crítica à dicotomia apolíneo/dianisíaca, o perspectivismo, a vontade de poder e o conceito sobre a morte de Deus. A filosofia central nietzschiana é a ideia de "afirmação da vida", que envolve questionamentos em qualquer doutrina.

Nietzsche realizou indagações radicais sobre o valor e a objetividade da verdade, questionamentos que provocam, ainda hoje, constante debate com influências em movimentos filosóficos como, os existencialistas, o pós-modernismo e pós-estruturalismo. Da mesma forma suas ideias de superação individual e transcendência, estrutura e contexto que tiveram um impacto profundo sobre pensadores do final do século XIX e início do século XX, que usaram estes conceitos como pontos de partida para o desenvolvimento de suas filosofias.

Nietzsche começou sua carreira como filólogo clássico— um estudioso da crítica textual grega e romana— antes de se voltar para a filosofia. Em 1869, aos vinte e quatro anos, foi nomeado para a cadeira de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, a pessoa mais jovem a ter alcançado esta posição (DUCLÓS, 2017, web).

Figura 1: Friedrich Nietzsche



Fonte: origemedestino (2018, WEB)

Em 1872, foi dado por Nietzsche o primeiro título à sua obra, também conhecida, simplesmente, por “O nascimento da tragédia”, ou, em sua tradução, “A origem da tragédia”. Esta obra, traz o processo da arte ligado à duplicidade dionisíaca, à exacerbação dos sentidos, à embriaguez estática e mística, à supremacia amoral dos instintos, atos apostos a figura é Dionísio - Deus do vinho, da dança e da música; da mesma forma traz a cultura apolínea, representada pelo Deus Apolo, que simboliza em si a perfeição, harmonia e própria *physis*, à medida das formas e das ações, Apolo significa à palavra ao pensamento humano. Segundo Nietzsche, a vitalidade da cultura e do homem grego, atestadas pelo surgimento da tragédia, deveu-se ao desenvolvimento de ambas as forças, e o adoecimento da mesma sobreveio ao advento do homem racional, cuja marca é a figura de Sócrates, que pôs fim à afirmação do homem trágico e desencaminhou a cultura ocidental, que acabou vítima do cristianismo durante séculos.

Quando escrevemos ou falamos sobre Nietzsche, inevitavelmente fazemos correlação com Schopenhauer, e conseqüentemente a Sartre. Deste ponto duas palavras surgem em nossa consciência: existencialismo e fenomenologia, por serem os temas abordados pelos filósofos.

Todo o homem que for dotado de espírito filosófico há de ter o pressentimento de que, atrás da realidade em que existimos e vivemos, se escondem outras realidades muito diferentes, e, que por conseqüência, a primeira pode não passar de uma aparição da segunda. Ou seja, coincide praticamente com o que Schopenhauer definiu como aptidão filosófica: o homem dotado de sensibilidade artística comportar-se para com a realidade do sonho da mesma maneira que o filósofo se comporta diante da realidade da existência.

Figura 2: Universo



Fonte: (2018, WEB)

Diante do livro “Origem da tragédia” percebemos que, aqueles que nunca experimentaram esta sensação de ter ao mesmo tempo que contemplar um espetáculo e de inspirar para além dessa contemplação, dificilmente saberá alcançar a consciência da arte. Após ler esta obra percebemos a afirmação de Nietzsche sobre a evolução no campo da arte, que está intrinsecamente ligada a dualidade: apolíneo e dionisíaco. Facilmente observamos que no pensamento grego, propõe-se uma forte oposição entre Apolo e Dionísio, Deuses a quem Nietzsche chama de "os dois arte-divindades dos gregos" (NIETZSCHE, 1872).

Por meio da “Origem da tragédia”, Nietzsche, analisa a natureza da tragédia grega e com base nesta expressão artística, nos mostra que a música é a chave para acessar a alma dionisíaca universal. A música, para ele, representa a expressão do mundo, uma linguagem universal que fala diretamente para o mundo. A música na concepção nietzschiana, não é uma cópia do fenômeno, mas sim uma cópia da própria vontade. Melodias são uma abstração do mundo 'real', a universalidade da música opõe-se à universalidade dos conceitos.

“Pois, é somente através do espírito da música que podemos compreender a alegria envolvida na aniquilação do indivíduo.” (Friedrich Nietzsche)

Outras linguagens, acabam por se envolver com a música, e com súbita veemência, crescem em dinamismo, ritmo e harmonia. E não só outros símbolos acabam por se envolver com a música, mas tudo ao nosso redor pode nos lembrar

música, nos despertar sentimentos, momentos. Música nada mais é que, a arte num todo, a arte voltada para o sonho, a arte da arte. Ao ouvir uma música devemos ouvir com o coração. Não é só nosso corpo que se move com ela, mas a nossa alma dança junto.

É aquele momento em que nos desligamos do externo e nos voltamos para nosso interno, nos encontramos na terra dos sonhos, que quando associada a Apolo, tem-se um espaço repleto de luz, um lugar onde o homem goza "a apreensão imediata da forma". São nos sonhos que o homem é curado e que recebe a intuição divina. Contudo, as formas dos sonhos muitas vezes são símbolos ou metáforas, o que Nietzsche chama de "aparência". Apolo como deus da clareza, da luminosidade, das composições harmoniosas e regradas, ao mesmo tempo é deus da forma e da aparência.

Por meio da imagem de apolínea, faço ligação com a banda The Beatles, onde suas músicas recriaram magicamente o idealismo, pois tratavam de temas que pareciam vir de uma época de inocência e sonhos, com enredos de contos de fadas, ao mesmo tempo que representavam todo o esplendor e turbulência associados à sua década. Conforme Doggett (1968, p.13), "suas canções, compõem uma memória coletiva, reconfortante – ‘um brilho universal’, como já foi observado, que iluminou e ainda ilumina o mundo”.

Esses quatro homens criaram músicas de tamanha alegria e inventividade, que conquistou o imaginário mundial e nunca perdeu seu fascínio. E mesmo num período curto, consagraram 13 álbuns, influenciando gerações e formando o movimento que a imprensa britânica chamou de *Beatlemania*.

Figura 3: Inocência universal



Fonte: queromuitomais (2018,WEB)

Conforme Guerreiro (2016), The Beatles foi uma banda britânica, de *Rock*, formada em Liverpool, cidade do noroeste da Inglaterra, que ficou famosa em todo o mundo e influenciou toda uma geração. A banda foi formada em 1960, por 4 integrantes, John Lennon, Ringo Starr, Paul McCartney e George Harrison.

Figura 4: Sgt Pepper



Fonte: swampowers (2018, WEB).

Os Beatles poderiam ser perdoados por serem a primeira banda com este nível de reconhecimento e por duvidarem do valor da fama. Um dos componentes foi assassinado a tiros, em frente ao prédio onde morava, por um homem que se declarava fã. Outro foi brutalmente atacado em sua casa; e morreu menos de dois anos depois do incidente. E ainda outro, envolveu-se numa crise conjugal, na qual tiveram expostos ao público todos os detalhes de sua vida pessoal. Ao quarto foi tão difícil sobreviver fora da banda que ele se perdeu em álcool e cocaína (DOGGETT, 1990).

Enraizada do skiffle¹ e do *Rock and Roll* da década de 1950, a banda veio mais tarde, assumir diversos gêneros que vão do folk rock ao rock psicodélico, muitas vezes agrupando elementos da música clássica. Os Beatles vieram a ser percebidos como a encarnação de ideais progressistas e sua influência se estendeu até as revoluções sociais e culturais da década de 60 (GUERREIRO, 2016, web).

¹O **skiffle** é um tipo de música folk com influência de jazz, blues e country. Foi popular entre a juventude britânica na década de 1950. Os grupos de skiffle usavam instrumentos improvisados, como tábuas de lavar roupa e garrafas, para dar às canções folk e melodias simples um ambiente rápido e rítmico.

Revolver, *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band*, trilha sonora de *Magical Mystery Tour* e *Yellow Submarine*, se desenvolveram a partir da busca por estados alterados da consciência. Apesar de ter sido escrito em grande parte durante um curso de meditação na Índia, *The Beatles* (álbum branco) marcou um retorno às bases. Histórias em quadrinho, blues gutural², violão folk³ e uma ruptura com seu recente passado com o psicodelismo.

De acordo com Turner (2000) *Rubber Soul* (1965), sexto álbum lançado pela banda, representa um momento de transições representativas. Ele seria o final da fase “inocente e tribal” dos Beatles.

De acordo com Andrade Filho (otrecocerto, 2018, web) os Beatles fizeram uma sessão de fotos para a capa do álbum. A foto da capa do álbum, que na época fugiu de todos os padrões então vigentes, foi fruto de um acidente. Paul McCartney conta no *Anthology* que, após a sessão de fotos no jardim da casa de John Lennon, o fotógrafo Robert Freeman usava uma cartolina para projetar as imagens fotografadas, deixando-as no tamanho da capa do disco (que nem tinha título ainda). Em determinado momento, a cartolina escorregou e uma das imagens apareceu distorcida, levando os Beatles à loucura com o efeito. Imediatamente eles escolheram aquela imagem e pediram que fosse reproduzido o mesmo efeito distorcido. E nesse momento foi que eles escolheram o nome, *Rubber Soul* (Alma de Borracha).

O efeito distorcido sugeria as mudanças de percepção associadas ao LSD e à maconha. A foto foi feita com o reflexo da banda num espelho distorcido. Não se tratava de um álbum psicodélico. Mas musicalmente era uma exploração de novos sons e temas. (RAMOS, 1971, p. 42 - 54).

Figura 5: Capa de disco *Rubber Soul* (1965)



Fonte: cdn (2018, WEB).

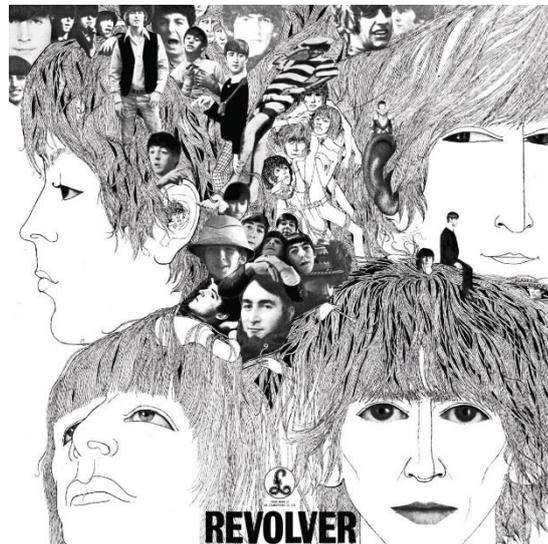
²Blues gutural - uma técnica vocal usada também pelos monges tibetanos

³ Folk - gênero musical que combina elementos de música tradicional e rock. O termo surgiu nos Estados Unidos e Canadá em meados da década de 1960. O som era composto por harmonias vocais afinadas e uma abordagem limpa para a utilização de instrumentos elétricos como a guitarra elétrica.

Apesar de o álbum revelar a banda em um momento mais experimental, há um tom descontraído em *Rubber Soul*, pois os Beatles estavam interessados em músicas bem-humoradas. Podemos citar “*Drive my car*”, com sua inversão dos papéis, e “*Norwegian Wood*”, com sua cena de sedução inocente.

O sétimo álbum da banda marcou um desenvolvimento significativo na música dos Beatles, considerado ainda mais inovador do que seu antecessor (*Rubber Soul*, de 1965). O álbum *Revolver*, marca a adesão oficial dos Beatles ao psicodelismo, evidenciando a óbvia influência da contracultura e os desenvolvimentos da arte da vanguarda. Na obra os Beatles estavam chamando a atenção de um público mais hippie (TURNER, 2000).

Figura 6: Capa de disco *Revolver* (1966)



Fonte: popmatters (2018, WEB).

Suas canções passeiam desde a música oriental *Love You To*, aos apelos vibrantes de *Got to Get You into My Life*, da solidão melancólica de *Eleanor Rigby*, ao experimentalismo psicodélico de *Tomorrow Never Knows* e o ufanismo de *Yellow Submarine*.

Figura 7: Yellow Submarine psicodélico.



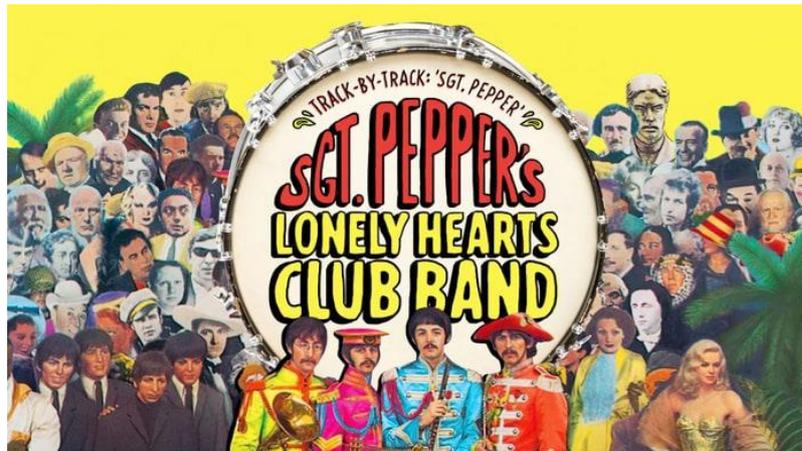
Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Como última faixa do álbum, e indicador mais claro do que estava por vir, muitas vezes presume-se que *“Tomorrow Never Knows”* tenha sido a última faixa gravada. Na verdade, foi a primeira. Sem dúvida a composição mais estranha e experimental dos Beatles até então, foi uma tentativa de John de criar em palavras e sons, uma faixa-guia adequada à experiência com o LSD (TURNER, 2009).

De acordo com Turner (2009), há suposições de que músicas como *She Said, She Said, Dr. Robert, Got To Get You Into My Life* tenham sido escritas durante o uso de drogas ou sob influências das drogas. Na música *She Said She Said*, John supostamente inspirou-se em sua segunda experiência com o LSD. Há um trecho que diz *“I know what it's like to be dead”* (*Eu sei como é estar morta*). Sobre as músicas, podemos perceber que o álbum inteiro tem o estilo psicodélico, influência das drogas e uma diversidade musical imensa.

Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967), é o oitavo álbum lançado pela banda. É frequentemente citado como o melhor e mais influente álbum da história do rock e da música. Primeiro álbum duplo e pioneiro em incluir um encarte com as letras das músicas, embalagem interna decorada e por ter a capa feita por um artista famoso. Gravado em 129 dias, em aproximadamente 700 horas, foi lançado em 1 de junho de 1967 na Inglaterra, e no dia seguinte nos Estados Unidos.

Figura 8: Capa de disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967)



Fonte: hillmanweb (2018, WEB).

É considerado um álbum inovador, desde sua técnica de gravação, até a elaboração da capa. Ficando conhecido como o “Verão do Amor” – uma breve temporada em que a ética hippie cultivada em São Francisco pareceu se espalhar por todo o ocidente (TURNER, 2009).

Dentre as músicas publicadas pelos Beatles, uma música ainda suscita bastante questionamentos, *Lucy in the Sky with Diamonds*, foi uma música que se tornou alvo de especulações quanto ao seu significado. Muitos acreditavam que as letras das iniciais de seu título eram um código para LSD. E isso foi a base para a proibição da canção nas rádios britânicas, porém, John Lennon negou mais uma vez que a letra fosse sobre LSD (TURNER, 2009).

Explicando a verdadeira origem do nome da música: Em uma tarde de 1967, Julian Lennon voltou da escola trazendo nas mãos um desenho colorido de sua colega, Lucy O'Donnell. Ao esclarecer a obra de arte ao seu pai, Julian disse que era “no céu com diamantes”. Essa frase impressionou John e deu início às associações a composição da mesma.

Figura 9: Desenho de Lucy O'Donnell “no céu com diamantes” (1967)



Fonte: nrk (2018, WEB).

Mesmo com toda essa explicação, o público ficou intrigado com as imagens de alucinações na canção, e mais uma vez John afirmou que as imagens tinham sido inspiradas por meio do capítulo lã e água de “Alice através do espelho”, de Lewis Carroll, em que a mesma é levada rio abaixo em um barco a remo pela rainha, que de repente se transforma em um carneiro.

Figura 10: A inocência do sonho



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

“Alice no país das maravilhas” e “Através do espelho” eram dois livros favoritos de John, quando criança. Para John, “Surrealismo e visão psicodélica é realidade e sempre foi”.

Foi no mundo do sonho, que se manifestaram as esplêndidas imagens dos Deuses às almas dos homens, as proporções divinas das criaturas sobre humanas e é aonde conseguimos encontrar a essência da poesia, a condição prévia de todas as artes, a alma bela e inocente, na compreensão imediata que todas as formas falam.

Partindo desse mundo mágico, de sonho e cores, nos voltamos para um mundo mais surrealista, dionisíaco, que por sua vez, está associado a embriaguez, ou ao esquecimento de si mesmo. Sob a influência do Deus Dionísio, havendo uma ruptura das barreiras entre o homem e o homem, entre o homem e a própria natureza.

Dionísio considerado, na Grécia clássica como o Deus do vinho, da dança e da música. Ligado à exacerbação dos sentidos, à embriaguez estática, mística e à supremacia amoral dos instintos. É por meio de Dionísio que direcionamos nossa atenção para a banda Pink Floyd, que com sua música cinematográfica e existencial transformou o grupo em uma das bandas de rock mais influentes e bem aceitas de todos os tempos.

Figura 11: Pink Nísio



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Segundo a revista Rolling Stone⁴, o Pink Floyd, foi uma banda de rock britânica do século XX, famosa pelas suas composições de rock clássico harmônico, pelo seu estilo progressivo e pelos espetáculos ao vivo extremamente elaborados. O Pink Floyd evoluiu de uma banda de rock formada em 1964, que teve vários nomes - Sigma 6, The Meggadeaths, Tea Set e The Abdabs, The Screaming Abdabs, The Architectural Abdabs.

A banda com sua majestosa loucura, consagrou 15 álbuns no decorrer de quase 5 décadas. Seu último álbum foi lançado em 2014. Sua primeira formação

⁴ Revista Rolling Stone - Pink Floyd: Edição Especial. São Paulo, 2014

consta com: Roger Waters, Nick Mason, Richard Wright e Syd Barrett. Fundada em 1965. Com a saída de Syd, David Gilmour ocupou seu lugar, até a banda se desfazer.

Em agosto de 1967, o primeiro álbum da banda, *The Piper at the Gates of Dawn*, é atualmente considerado um ótimo exemplo da música psicodélica britânica, e foi bem recebido pelos críticos da época. As faixas mostram letras poéticas e uma mistura eclética de música, desde a faixa de vanguarda com livre-forma, *Interstellar Overdrive*, até canções "assobiáveis" como *The Scarecrow*.

Figura 12: Capa de disco The Piper At The Gates Of Dawn (1967)



Fonte: opening (2018, WEB).

Segundo Reisch (2010), a banda através de suas músicas e efeitos, uniram a metafísica, a epistemologia e a visão crítica da vida moderna, formando uma personalidade com ideias que estão ligadas a natureza e a alucinação, porta para a construção de uma metafísica e tratar do absurdo da existência.

Reisch (Ibidem), faz um comparativo bem curioso entre os dois primeiros vocalistas da banda e dois filósofos gregos Friedrich Nietzsche e Albert Camus:

Figura 13: Barretóteles, natureza da identidade.



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Barret e Nietzsche, eram fascinados pelas estranhas particularidades e os detalhes incomuns que vivenciava no mundo ao seu redor.

Waters e Camus, cultivavam interesses bem diferentes, voltados para estruturas (ou “formas” como estes as chamavam) regulares e monolíticas que controlam as características gerais do mundo e de nossa experiência.

Ainda, conforme Reisch (2010, p.11): “Essas coincidências não são superficiais, pois uma espécie de consciência e reflexão filosófica já começava a ocupar o centro do palco na música e nas gravações da banda”. Como mostra no livro *Pink Floyd e a Filosofia*, a banda criou um conjunto de obra que fala das inúmeras experiências, conceitos e teorias que os filósofos há muito vêm analisando e tentando explicar. Entre essas ideias, estão a natureza e as causas da alienação, absurdo da existência, a natureza da percepção, da identidade, da autenticidade artística e comercial e, claro, da loucura (REISCH, 2010).

E para tentarmos compreender a queda de Barret, Reisch (2010), faz uma nova comparação, entre os vocalistas e filósofos:

Figura 14: A loucura brilhante como o sol



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

De acordo com Reisch (2010), Barret e Nietzsche, brilharam como o sol em suas respectivas juventudes, mas sucumbiram, possivelmente por razões semelhantes, à loucura. Waters e Camus com semelhante visão sobre a existência. Camus⁵, fala diretamente da arte e dos artistas em seus dois trabalhos mais conhecidos: “O Mito do Sísifo” (1951) e o “Homem Revoltado”, no mesmo ano; e Waters, que por sua vez, também aborda temas iguais aos do filósofo, em: *Wish You Were Here* (1975) e *The Wall* (1977).

Albert Camus, ao receber o prêmio Nobel de literatura em 1957, disse:

“Pessoalmente, eu não posso viver sem minha arte. Mas eu jamais coloquei essa arte acima de tudo o mais. Se, em compensação, dela necessito, é porque não está separada de ninguém e me permite viver, tal como sou, no mesmo nível dos demais”.

Syd Barrett, após sua traumática expulsão do Pink Floyd, gravaria alguns discos extremamente experimentais (e até indigestos), feitos à base de muitas drogas alucinógenas. Seu envolvimento com LSD o levaria à loucura. Barrett permaneceu

⁵ Albert Camus, nasceu na Argélia em 1913. Teve uma infância difícil, marcada pela miséria, concluiu com esforço seus estudos. E embora tivesse a saúde frágil e sofresse de tuberculose, o filósofo morreu em um acidente de carro em 1960.

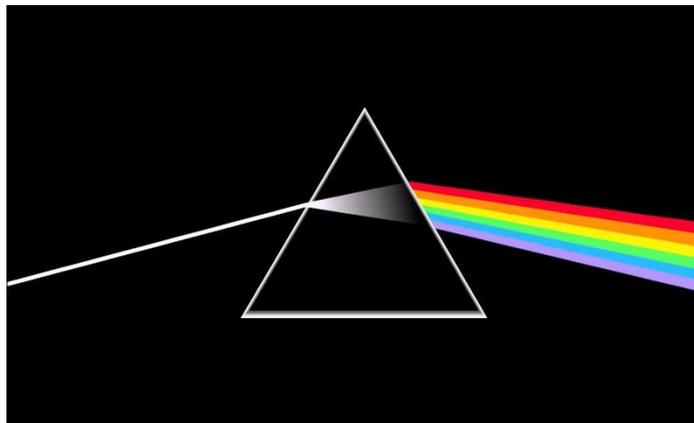
internado em um hospício durante décadas, até sua melancólica morte aos 60 anos de idade, em 2006 (REISCH, 2010).

De acordo com Reisch (2010), *A Saucerful of Secrets* (1968) é o segundo álbum de estúdio da banda. *Corporal Clegg* é a única música, que os cinco integrantes originais do grupo cantam juntos. *Set the Controls for the Heart of the Sun* é marcado pela percussão e pela voz quase sussurrada de Roger Waters, sob um suave manto de teclas psicodélicas e um baixo em destaque, completamente incomum na sua estrutura: tem um nome longo, improvisação e tornar-se-ia uma das músicas favoritas da banda ao vivo nesta primeira fase da sua carreira.

A música *A Saucerful of Secrets*, é uma experiência alucinógena. Os primeiros 7 minutos são quase cacofonia sonora, ausência de letras, difícil de ouvir para a maioria, mas extremamente interessante enquanto exercício de improvisação dissonante. É quase uma demonstração de como do caos sonoro pode surgir à música mais celestial e melódica, apenas porque os seus autores assim o desejaram. O álbum é o último que conta com a participação de Syd Barrett e o primeiro a contar com Gilmour na guitarra (EDUARDO, 2017, *web*).

Dark side of the moon, ou o prisma como conhecido, selou a cultura popular dos anos de 1970, assim como a capa do disco *Sgt. Pepper's*, dos Beatles, selou a década de 60. É o terceiro álbum mais vendido de todos os tempos no mundo inteiro. Fala sobre as pressões da vida, tempo, dinheiro, guerra, loucura e morte. (REISCH, 2010).

Figura 15: Capa de disco The Dark Side of the Moon (1973)



Fonte: jornaldaparaiba (2018, WEB).

Sobre o conceito do álbum, David Gilmour (2017, *web*) declarou:

“São todas as pressões da vida moderna que podem nos levar à loucura. Essas pressões têm por nome dinheiro, viagens, planejamento, que nós músicos sentimos muito mais que o homem da rua. Quando tudo vacila, chega-se ao estado patológico do lunático”.

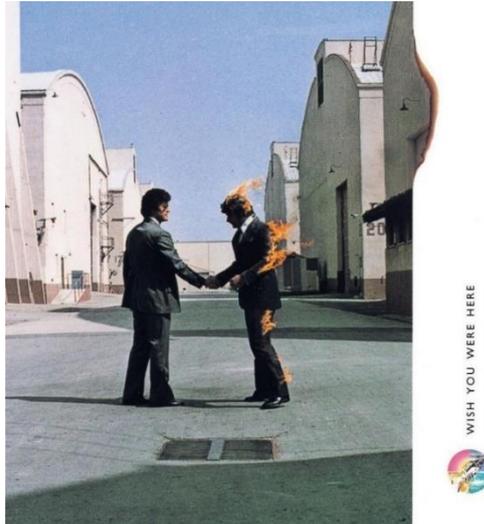
Com o álbum *Dark side*, o Pink Floyd mostra uma maior maturidade, interpretando clássicos do rock como *Money* e *Time*. Ficou marcado por ser o primeiro álbum da banda no formato que seria adotado, posteriormente, assim marcando o fim da fase do experimentalismo psicodélico. E, tornando-se um marco do rock progressivo.

Para gerar mais vida aos temas do álbum, o baterista da banda Nick Mason, usou e abusou de efeitos sonoros, tais como: batidas de coração, respiração, passos, relógios, risos histéricos, gritos, moedas caindo e caixas registradoras. E, como não poderia deixar de ser, Roger Waters usa os versos de *Brain Damage* para homenagear o líder da banda, Syd Barrett: “*The lunatic is on the grass. Remembering games and daisy chains and laughs*”. Traduzindo: “O lunático está na grama. Lembrando os jogos e as cadeias de margarida e ri.” (REISCH, 2010).

A imagem de um raio de luz branca passando por um prisma e emergido como um espectro colorido da capa de *Dark side of the moon* se coloca como uma metáfora para a complexidade da vida – embora o desenho também possa representar a mente do ouvinte depois de ser exposto à obra-prima do Pink Floyd. (REISCH, 2010. p.31)

Enquanto *Dark Side* falava de alienação social, o novo álbum *Wish You Were Here* (1975), tratava de uma forma de estranhamento mais pessoal: ausência de amigos, de inspiração. E mesmo assim, as duas melhores canções “pós-barret” que Pink Floyd produziu estão nesse álbum, sendo elas: “*Wish You Were Here*” e “*Shine On You Crazy Diamond*”. Ambas falam de Barret, que Waters na época considerava um “símbolo de todos os extremos de ausência” (FRICKE, 2014).

Figura 16: Capa de disco *Wish You Were Here* (1975)



Fonte: discogs (2018, WEB).

Em 2 de fevereiro de 1977, foi lançado o álbum *Animals*, sendo o sétimo da banda, já no formato de rock progressivo. Parecendo uma transição natural entre a melancolia de *Wish You Were Here* e a fúria que iria surgir posteriormente em *The Wall*. A Era *Animals* também rendeu um dos mais duradouros ícones visuais do Pink Floyd. Conforme a revista *Rolling Stone*, a porca voadora (foi batizada como “Algie” e que hoje em dia, ninguém mais lembra o motivo do nome) (WOLK, 2014).

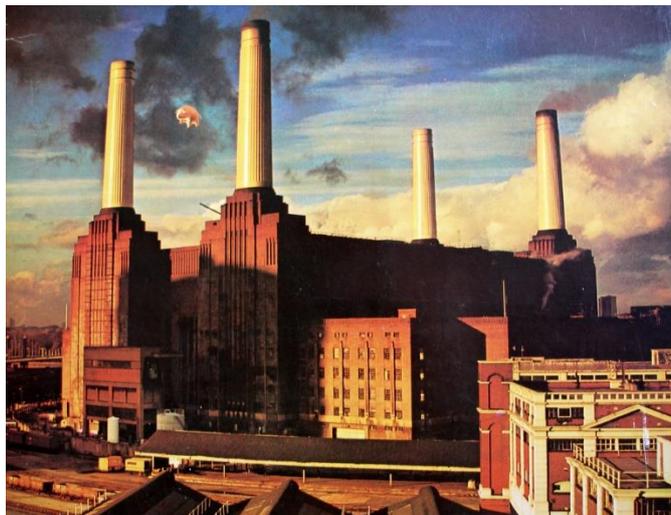
Figura 17: Porca Algie, antes de se desprender (1977)



Fonte: gilmour-myri (2017, WEB).

Na biografia *Saucerful of Secrets: The Pink Floyd Odyssey*, o autor Nicholas Schaffner (1953 – 1991), conta que o baixista Roger Waters tirou sua inspiração do livro ‘A Revolução dos Bichos’ de George Orwell (1903 – 1950). A poesia de Waters utiliza animais como metáforas para cada classe social. Os porcos seriam a elite burguesa corrupta, os cachorros seriam o povo combativo, que tenta protestar contra a corrupção no poder, e as ovelhas seriam as pessoas alienadas e passivas (HERMES, 2014).

Figura 18: Capa do disco *Animals* (1977)



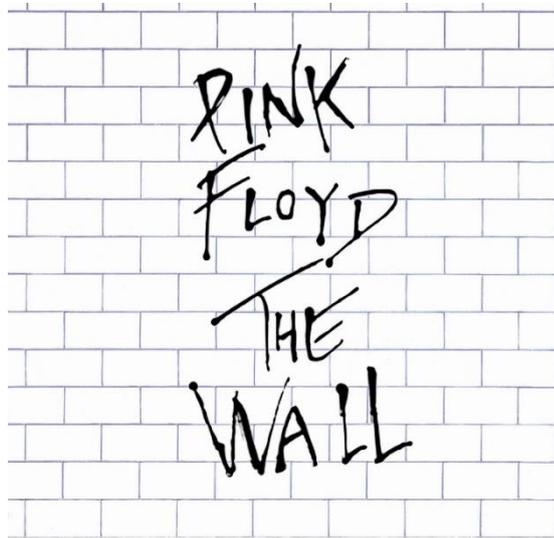
Fonte: taringa (2018, WEB).

A porca faz parte da capa do disco e foi produzida pelo grupo de designers da Hipgnosis, numa versão real para uma sessão de fotos. Uma porca inflável, de quase 10 metros. Contrataram um atirador caso a porca se soltasse, e quando a sessão teve que ser remarcada por problemas técnicos, o atirador não estava presente e acidentalmente *Algie* se despreendeu e escapou, subindo mais de 5 mil metros e caindo a muitos quilômetros de distância no campo de uma fazenda. Apesar do acontecido, *Algie* a porca voadora, conseguiu colocar a banda nos noticiários (WOLK, 2014).

Segundo Wolk (2014), em 1979, o amargor das músicas refletia as turbulências no grupo, enquanto o Pink Floyd se despedaçava. Waters, compôs *The Wall* sozinho no estúdio de sua casa. A banda sofria pressão para gravar um novo álbum e como os outros integrantes não tinham nada de novo, acabaram aceitando o material que Roger tinha em mãos. A turnê de 1980 levou *The Wall* aos palcos com um dos maiores espetáculos de rock de seu tempo, com máscaras, animação e um muro de 48 metros

de comprimento por dez de altura, que era construído gradualmente durante o show apenas para ser destruído no grande final.

Figura 19: Capa do disco The Wall (1979)



Fonte: thewallcomplete (2018, WEB).

The Wall acabou virando um filme, seu roteiro foi escrito pelo vocalista e baixista da banda Roger Waters e possui poucos diálogos, sendo mais metafórico e movido pelas músicas de fundo e interpretadas com sequências de animação (thewallanalysis).

Com toda essa loucura envolvendo o cenário musical pink floydiano, nos permite envolvê-lo no conceito de mundo dionisíaco, proposto por Nietzsche, pois, segundo este, a arte dionisíaca exerce dois tipos de influência sobre a faculdade de arte apolínea. Em primeiro lugar, a música é capaz de acessar a "intuição simbólica" da universalidade dionisíaca, e fornece o meio através do qual essa imagem simbólica pode emergir em seu mais alto significado. Música, portanto, dá o nascimento do mito trágico. Em segundo lugar, a música se esforça para expressar sua natureza em imagens apolíneas.

Figura 20: Universalidade dionisíaca e a natureza apolínea.



Fonte: Fernanda Rios, 2017

Nietzsche (1872), argumentava que aqueles que consideram a música como uma forma simples, são totalmente desligados de uma verdadeira compreensão da tragédia. Se alguém não entender que a música é dionisíaca no coração, então é incapaz de entender a redenção que ele traz. A arte dionisíaca nos mostra a alegria eterna de existência, e que a fonte de alegria não está nos fenômenos, mas por trás dos fenômenos.

Portanto, quando falamos de música, a partir de Apolo e Dionisio, e as respectivas ligações com as Bandas: The Beatles e Pink Floyd, que foi, também, foco de estudo na pesquisa empreendida, durante o mestrado e apresentado em forma de livro ao seu termino, se destaca que estamos falando do *Rock and Roll*, também conhecido como *rock 'n' roll*, é um gênero musical de grande sucesso que surgiu nos Estados Unidos da América, na década de 50, inovador e diferente de tudo que já havia ocorrido na música. O rock unia um ritmo rápido e contagiante, com pitadas da música negra, *blues* e *boogie-woogie*, onde seus instrumentos que eram piano e saxofone, foram substituídos por guitarras elétricas, contrabaixo e bateria. Suas letras simples e ritmo dançante, caíram rapidamente no gosto popular.

INTERLÚDIO II

“Sem música, a vida seria um erro” (Friedrich Nietzsche):

Neste prelúdio tratamos a história do *Rock and Roll*, manifestações socioculturais da época: geração beat, movimento hippie e a contracultura. O psicodelismo tanto no cenário musical, quanto no envolvimento de artes por trás das bandas The Beatles e Pink Floyd.

De acordo com Shuker (1999), o *rock'n'roll* foi o gênero da música popular que surgiu quando as canções voltadas para o blues negro começaram a ser difundidas pelas emissoras de rádio em busca de maior audiência, e quando os artistas brancos começaram a regravar canções do *rhythm'n'blues* negro. O *rythm'n'blues*, a *country music* norte-americana e o *boogie-woogie* dos anos 1940 e 1950 constituem o *rock'n'roll* dos primeiros tempos (...) Em abril de 1954, Bill Haley and the Comets compuseram o single “*Rock around the clock*”. A gravação foi um sucesso nos Estados Unidos e, em seguida, no mundo todo. Representou um marco na popularização da nova forma musical. O rock mudou a história da música.

O *Rock and Roll*, de acordo com a mídia que se desenvolvia entre os anos 1950 e 1980, influenciou estilos de vida, moda, atitudes e linguagem. Ele começou a gerar vários sub-gêneros, muitas vezes sem o contratempo característico originário, que são mais propriamente e simplesmente chamados de *Rock*.

Mesmo com o passar do tempo o *Rock and Roll* não perdeu sua rebeldia, nem seu espaço; esse ritmo cheio de letras carismáticas, porém com conteúdo explosivo, se espalhou facilmente pelo mundo e foi à parte boa da história que sobrevive até hoje.

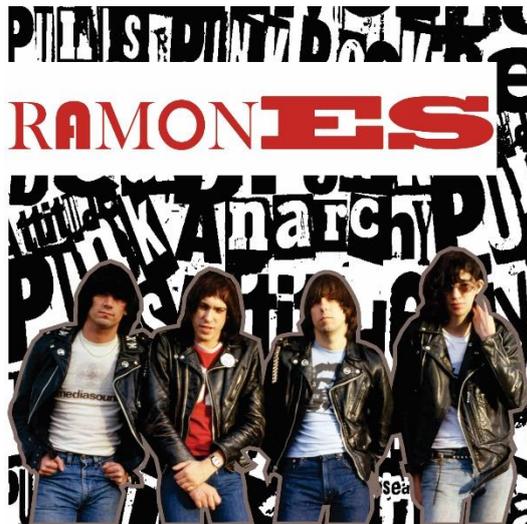
O período mais criativo de toda a história do *rock*, ocorreu entre os anos de 1960 e início dos anos de 1970. Primeiro, houve o apogeu da geração hippie e do *flower power*. Foi um período de destaque para o rock mundial, sendo o embrião para tudo o que viria nas décadas posteriores: *punk rock*, *heavy metal*, *reggae*, *disco music*, *hard rock*, *glam rock*. Pois foi o momento em que o rock além de ganhar espaço, se concretizou pelo mundo.

Junto com a modernidade da época, sobreviveram bandas de *rock* pesado como *Led Zeppelin* e *Black Sabbath (heavy metal)*. Caracterizado, tradicionalmente, por guitarras e suas distorções, ritmos enfáticos com baixo e bateria densos e vocais

vigorosos. Embora estivessem vivendo seu grande momento, a androginia o influenciava na forma comportamental.

Do *glam rock*⁶ ao *punk rock*⁷, as principais características do *punk rock* são as letras das músicas, que abordam ideias anarquistas e revolucionárias. Letras com menos conteúdo político e social, como relacionamentos, diversão, sexo, drogas e temas do cotidiano. O visual agressivo, que foge dos padrões da moda, a filosofia *faça você mesmo* e as atitudes destrutivas também são outras características do *punk*.

Figura 21: Ramones



Fonte: tpmidia (2018, WEB).

Segundo Meggs, o mundo vivia em constante tensão, a autora complementa lembrando que começam a tomar volume os protestos em favor dos direitos civis, os protestos públicos contra a Guerra no Vietnã, os primeiros avanços do movimento de liberação das mulheres. Esses movimentos foram resultados de “uma profunda sensação de desencanto e de esgotamento das alternativas políticas tradicionais, fossem elas o liberalismo de mercado dos EUA, ou o socialismo estatal e estatizante da URSS”. (STRAUB, GRUNER, 2009, p. 23).

⁶ Glam rock (abreviação de glamour rock) é um gênero musical (subgênero do rock) criado na Inglaterra, conhecido também como glitter rock. O Glam foi marcado pelos trajes e performances com muitos cílios postiços, purpurinas, saltos altos, batons, lantejoulas, paetês e trajes elétricos dos cantores.

⁷ Punk rock é um movimento musical e cultural que surgiu em meados da década de 1970 e que tem como características principais músicas rápidas e ruidosas, com canções que abordem ideias políticas anarquistas, nihilistas e revolucionárias.

Nesta época iniciaram revoluções comportamentais como, o surgimento do feminismo e os movimentos civis em favor dos negros e homossexuais. Surgem os hippies como ação de *contracultura*, termo baseado no fenômeno de se opor a cultura vigente (ROSZAC, 1972).

Figura 22: Contracultura



Fonte: anarquista (2018, WEB).

A contracultura foi um movimento dos anos 1960, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social e com ele novos meios de comunicação em massa. Jovens inovando estilos, voltando-se mais para o anti-social, aos olhos das famílias mais conservadoras, com um espírito mais libertário, resumindo-se como cultura *underground*, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência e dos valores de uma cultura estabelecida (ROSZAC, 1972).

Faziam parte desse movimento, os cabelos longos, as roupas coloridas, o misticismo oriental, a música e as drogas. No Brasil, o grupo *Os Mutantes*, formado por Rita Lee e os irmãos Arnaldo e Sérgio Batista, seguiam o caminho da contracultura e afastavam-se da ostentação do vestuário da jovem guarda, em busca de uma viagem psicodélica.

Acreditamos que a década de 70, foi mais uma época de continuidades do que de explosões, revisões e ampliações, mas não propriamente de inovações. Marcada pelo declínio do movimento hippie e pela morte de grandes ícones desse cenário musical como: *Jimi Hendrix* e *Janis Joplin*.

James Marshall "Jimi" Hendrix (1942 - 1970), de acordo com Lawrence (2005), é o maior ídolo de qualquer guitarrista de todos os tempos e que usurpou fama em diversos gêneros musicais, reconhecido pela ênfase aos agudos e amplificadores distorcidos.

Figura 23: Jimi Hendrix



Fonte: the-fixer (2017, WEB).

Sendo sempre lembrado e mencionado no cenário da música psicodélica, morreu apenas com vinte e sete anos de idade. Coincidência ou não, com a mesma idade e no mesmo ano, 17 dias após, esse mesmo cenário perde uma grande cantora e compositora, considerada a *Rainha do Rock and Roll*, Janis Joplin (1942 -1970).

Figura 24: Janis Joplin



Fonte: kultuur (2018, WEB).

Janis fez de sua voz, sua característica mais marcante, tornando-se um dos ícones do *rock* psicodélico da década de 60. Entretanto, os dois envolveram-se com drogas e álcool, que acabaram encurtando suas vidas. Jimi, deixando um legado imenso, através de sua nova linguagem para a guitarra elétrica e Janis por sua voz magnífica.

O bêbado, maconheiro, cheirador, adúltero, rufião drogado tinha uma imagem romântica, e a ilegalidade das populares substâncias alteradoras sustentaram uma sensação de bravata revolucionária muito depois de o momento político ter passado. Expressões da cultura do cowboy doidão se expandiram para além do rock (GOFFMAN, 2004).

Com o passar de cada década, novas drogas se popularizavam: “Todos aqueles hippies e radicais que tinham se apressado em se ajustar, ainda gostavam de ficar doidões” (Ibid, 2004). Muitos encontraram uma alternativa na venda de drogas, e assim, definitivamente, não se adequaram à sociedade. A venda era feita por meio de trouxas de maconha, mas havia os “aventureiros” que construíam grandes negócios, especialmente, em torno da importação da maconha e cocaína (GOFFMAN, 2004).

Observamos que a geração *beat* ou movimento *beat*, foi um movimento literário originado em meados dos anos 1950 e início de 1960, por um grupo de jovens intelectuais (escritores e poetas), que estavam cansados do modelo tradicional da ordem estabelecida nos EUA após a Segunda Guerra Mundial. Movimento caracterizado pelo posicionamento contrário ao materialismo, a intolerância, ao desrespeito dos direitos civis. Esse grupo de jovens, além de escrever, tinham interesse em estar sempre juntos, compondo, bebendo, viajando, muitas vezes movidos por drogas, álcool, sexo livre e jazz (gênero musical que mais inspirou os beats) (MILES, 2012).

De acordo com Miles (2012), pareciam que os pré-requisitos dos membros fundados de Geração Beat, era a prisão ou hospital psiquiátrico. Ginsberg passou algum tempo no Instituto Psiquiátrico de Colúmbia; Gregory Corso, passou algum tempo em Bellevue e na prisão; Lucien esteve na cadeia por dois anos; Joan Vollmer esteve brevemente em Bellevue, em razão de uma psicose provocada por anfetaminas; Neal Cassady passou dois anos na prisão, na Califórnia; Herbert Huncke entrou e saiu da cadeia a maior parte da sua vida; e Jack foi expulso da Marinha como psicótico.

De acordo com Charters (1992), a escrita deste movimento foi marcada pela intensidade e compulsividade, no estilo narrativo, nos termos, nos personagens, um fluxo de pensamento desordenado e caótico. Contendo linguagem informal, cheia de gírias e palavrões, marcavam o apoio à igualdade étnica, à miscigenação e às trocas

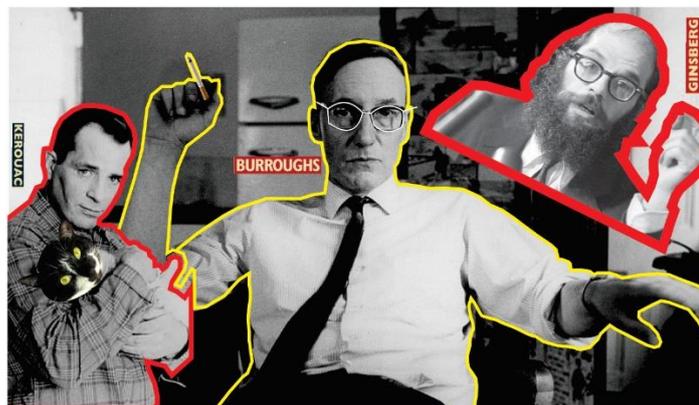
culturais entre raças. Posicionamentos que confrontavam com a cultura norte-americana estabelecida.

A vida nômade que levavam os membros desta geração serviu de base para o embrião do movimento *hippie*. Um dos principais porta-vozes do movimento *hippie*, John Lennon, se inspirou na palavra beat para nomear sua banda, The Beatles. Na verdade, a “*Beat Generation*”, tal como os *Beatles*, eram voltados para o *existencialismo*⁸. (Charters, 1992)

E em 17 de julho de 1947, Jack Kerouac (1922 – 1969), começou sua saga de caroneiro:

Foi o entusiasmo contagiante dos relatos a respeito das caronas que estimulou milhares de jovens a seguir seus passos estrada fora: o espírito de companheirismo entre os caroneiros, a emoção de se estar numa estrada; a liberdade para ir não importa onde, segundo a própria vontade, cada trecho abrindo a possibilidade para uma nova amizade, aventura ou mudança de itinerário. (MILES, 2012, p.164).

Figura 25: Mentores geração beat



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Celebravam a não-conformidade e a criatividade espontânea. Rapidamente, desenvolveram uma reputação chamada: Boêmios hedonistas. Podemos ressaltar que muitos dos chamados “*beats*” eram comunistas ou de esquerda, no geral, de tendência anarquista. No livro *On the road*, Kerouac, define a geração beat como: simples, espontânea e politicamente corajosa, mostrando que muitos poderiam demonstrar sua inconformidade e expressar sua própria visão e opinião, sem serem

⁸Existencialismo é um termo aplicado a uma escola de filósofos dos séculos XIX e XX que, apesar de possuir profundas diferenças em termos de doutrinas, partilhavam a crença do pensamento filosófico voltado ao ser humano como indivíduo diante da análise da existência.

propriamente eruditos através da arte, e que o "*kitsch*" pode elevar-se ao sublime (KEROUAC, 2004).

A geração Beat representou o último e dramático grito de oposição ao status quo. O beat com sua conflita turbulência, expressa na arte e no comportamento, foram os principais personagens do rito de passagem entre a modernidade e a pós-modernidade. (HOLLANDA, (s/ data) in MILES (2012, s/ p.)

Vale ressaltar que a geração beat não influenciou só a cultura hippie, mas esteve presente em outras culturas posteriores, como é o caso da cultura punk (MILES, 2012).

O surgimento do movimento *hippie* se dava ao desconforto e inconformismo geral. A guerra do Vietnã, o histórico da geração beat e a psicodelia se misturavam com a população do anticoncepcional e a formação de uma nova esquerda, um comportamento coletivo de contracultura, principalmente nos EUA. A sensação era de que algo precisava ser feito, e rápido para mudar o mundo (SANCHEZ, 2009, *web*).

De acordo com Roszak (1972), o termo *hippie* derivou da palavra em inglês *hipster*, que designava as pessoas nos Estados Unidos que se envolviam com a cultura negra. O movimento hippie tinha por objetivo rebelar-se contra valores e ética instituídos pela sociedade e formar uma nova consciência. Eles estavam dispostos a oferecer uma visão de mundo inovadora, distante dos vigentes ditames da sociedade capitalista. Os jovens *hippies*, abandonavam suas famílias e o conforto do lar para se entregarem a uma vida regada por música, drogas alucinógenas e a busca por outros padrões de comportamento, sendo reconhecidos como a geração da "paz e amor".

Figura 26: Paz e amor



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Ao longo da década de 60, junto do movimento negro, os integrantes dessa geração discutiram questões políticas e organizaram, de forma relevante, a luta em

prol da ampliação dos direitos civis e o fim das guerras que aconteciam naquele momento. Em várias situações, as influências das autoridades sob os meios de comunicação acobertavam a discussão que se desenvolvia, para assim reforçar os comportamentos marginais dos hippies.

O ano de 1969 finalizou, coroado com a chegada do homem à Lua, em julho de 1969, e com um grande evento voltado para o Rock and Roll, *O Woodstock Music & Art Fair*, realizado em agosto do mesmo ano; o evento reuniu 500 mil pessoas em três dias de paz, amor, música, sexo e drogas. Foi preconizado pelo movimento hippie, num pasto na pequena cidade de Bethel, estado de Nova York, sem qualquer infraestrutura. O Festival *Woodstock*, que reuniu astros como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Santana e The Who, significava a utopia de que dias melhores viriam.

Figura 27: Woodstock (1969)



Fonte: time (2018, WEB).

O maior espetáculo da contracultura teve como patrocinadores quatro jovens cheios de ideias e dinheiro: John Roberts, Joel Rosenman, Michael Lang e Artie Kornfeld. O evento foi planejado para 50 mil pessoas inicialmente, mas a uma semana do festival, milhares de jovens estavam acampando no sítio e as principais vias para Bethel, ficaram tomadas por automóveis vindos de todas as partes dos EUA. Em dezembro do mesmo ano aconteceu o desastroso *Altamont*, os Rolling Stones tentaram fazer um concerto, que foi uma catástrofe, resultando muita violência e mortes.

Figura 28: Altamont (1969)



Fonte: oglobo (2018, WEB).

Ainda que criticados por muitos, os hippies são hoje chamados de libertadores, formadores de opiniões, foram um “experimento” sobre um estilo de vida, envolvendo arte, expressão política e o uso do LSD. A droga se espalhou rapidamente, entre os químicos e psicólogos que ingeriam a droga e eles mesmos vivenciaram as experiências alucinógenas. Para os psicoterapeutas a droga tinha propriedades interessantes, acreditavam que ministrada controladamente, permitiria a passagem restrita de pensamentos e emoções oprimidas para o consciente onde poderia ser analisado, através das alucinações, ficando conhecida como experiência psicodélica.

Segundo Duarte (2010, p. 55), para alguns sociólogos como Robert E. Park (1864 – 1944) a música do final dos anos 1960, a inclinação da geração jovem para a música espiritual e do extremo oriente, a descoberta das fontes da intuição e também a onda de mediação musical eram um enigma. Identificava-se o crescente materialismo e automatização do ocidente como pano de fundo para a “invasão asiática”. Essa música era a causa da tentativa de fuga de uma realidade percebida inumana para o mundo do sonho e fantasia da música, que, nas culturas exóticas, podia abrir o mundo interior. Finalmente, a relação entre música *underground* e as drogas que modificam a consciência veio à tona, algo a que a juventude da América e da Europa recorria cada vez mais. Não era mais segredo que quase todos os músicos desses grupos de improvisação e do rock usavam drogas alucinógenas ou pelo menos haxixe e maconha. A nova tendência chamou-se *psicodélica* (KEROUAC, 2004).

Conforme descreve Kranich (1974), a mudança de nomes da música também apontava nessa direção: *underground*, na qual vibra a experiência comunitária e onde

só se fala da comercialização como coisa vergonhosa; a música psicodélica, cuja finalidade mais elevada é dar sequência aos primeiros sucessos; o pop, a queda definitiva no âmbito do comercialismo. No âmbito da audição musical individual ocorreu o mesmo fenômeno.

Há alguns anos o que se sentia com a música era uma experiência central, cheia de sentido, e um exemplo de identificação comunitária com manifestações sobre as quais hoje nos referimos apenas com palavras sussurradas e que resultou numa penetração da música que, flutuando livre no espaço, no tempo ou no que se refere a seu significado representou uma forte experiência de unanimidade. (KRANICH, 1974, p. 30).

O psicodelismo foi um caminho que se abriu para a juventude dos anos de 1960, movimento com vida curta, mas que exerceu marcante influência no estilo de vida. Muitos artistas da época buscavam inspiração no início do século, incorporando aspectos do *Art Nouveau* e olhavam para o próprio mundo, criando uma linguagem visual inspirada nas percepções impulsionadas pelo LSD⁹, droga legal na Califórnia até 1966 (QUADROS, 2014, web).

O LSD produzia visões de luzes distorcidas e dissonantes acordes de guitarra, em concertos que eram, depois, simuladas em peças gráficas por meio de uma deslumbrante repetição de contrastes cromáticos, seja em preto e branco, seja entre cores complementares. Designers afirmavam escolher sua paleta de cores a partir de suas experiências visuais com o LSD (BOTTINO, 2006, web).

Os primeiros efeitos do “ácido”, como também era conhecido o LSD, são físicos e começam cerca de uma hora após a ingestão da droga. Os efeitos variam de uma vaga sensação de ansiedade à náusea, sendo acompanhadas por aceleração da pulsação, pupilas dilatadas, dentre outros. Em seguida, o usuário entra num estado de grande “sugestionabilidade”: sua capacidade de receber e analisar de forma estrutural as informações do ambiente fica distorcida. A experiência pode induzir a um estado de cruzamento dos sentidos, no qual o usuário “vê a música e ouve cores”. A percepção espacial também é alterada e as cores têm suas intensidades realçadas; imagens caleidoscópicas e tridimensionais flutuam no vazio (HICKS, 1999)

⁹ LSD - Substância sintética que causa alucinações, em sua maioria, na área visual ou auditiva.

De acordo com Hicks (Ibdem) há três principais efeitos da experiência com o LSD, que são: descronização (rompimento das percepções convencionais de tempo), despersonalização (rompimento das barreiras comum do ego e da consciência resultante da unidade indiferenciada) e a dinamização (por meio da qual as formas físicas estáticas parecem se dissolver em objetos de gordura). Portanto vários elementos do rock psicodélico são moldados por um ou mais desses fatores. A descronização faz com que as músicas sejam aumentadas e ritmos desacelerados, repetição quase hipnótica de um obstinado realizado pelo baixista (criando solos longos e não direcionais) contribuindo com um sentido de êxtase. A despersonalização envolve tanto a dinâmica como a estrutura (amplificação extremamente alta). A dinamização leva uma série de técnicas, especialmente voltadas para o rock psicodélico, de maneira íntima: reverberação artificial, unidades de ressonância e sons estéreos para indicar enormes espaços interiores, entre outras, deixando os acordes mais “deslizantes” ou “flutuantes” (REISCH, 2010).

Na abordagem estrutural mais característica do rock psicodélico, a descronização e a dinamização convergem na “música” de movimentação múltipla em que a métrica, o ritmo, e a composição, que em última instância uma banda poderia “psicodelizar” uma música. Por meio dessa explicação de Hicks, podemos observar que quase todas essas abordagens são evidentes na música do início da carreira da banda Pink Floyd.

O período pós-psicodélico da banda veio com o álbum: *Atom heart mother*, obra que a banda considera um de seus esforços menos bem-sucedidos. Contudo, a obra foi um importante projeto para o progresso futuro da banda. Que em 1971, lançou o álbum *Meddle*, contendo sem dúvida a obra-prima da banda: *Echoes*, que uniu de modo magistral, seu estilo de composição mais próximo do *folk* com os cenários sonoros instrumentais, com interferência de *jazz-funk* e passagens experimentais. *Echos* é um descanso, há um ritmo paciente sem pressa no desenrolar da música (REISCH, 2010).

Essa superposição de imagens e textos altamente coloridos e contrastantes era relativamente simples de ser produzida. Muitas vezes era utilizada a tecnologia do “faça você mesmo”. As peças gráficas psicodélicas passam a ser bem aceitas, ainda

que utilizassem uma má qualidade de impressão, *off-set*¹⁰ em papel barato, como o caso de algumas revistas *underground*. Um dos designers mais famosos desse período foi Wes Wilson (1937), destacando-se na produção de peças gráficas para shows de rock. Víctor Moscoso (1936), também realizou trabalhos notáveis, e o único com formação em artes. Estudou cores em Yale com Josef Albers, ex-professor da Bauhaus.

Figura 29: Obras superiores de Wes Wilson (1966), obras inferiores de Víctor Moscoso (1967)



Fonte: Pinterest; olsenart; Artistsandmakersfair (2018, WEB).

Impulsionados pelo LSD, designers desejavam obter esses efeitos de vibração óptica por meio das cores e das formas das letras, que tornavam quase ilegíveis com equivalência entre elementos positivos e negativos: o espaço existente entre as letras e dentro delas era contrabalançado pelas próprias letras, da mesma maneira que as cores contrastavam entre si com igual intensidade. Há quem diga que o objetivo dessa “falta de clareza” nas letras era “garantir que ninguém acima de trinta” as lesse (ALBUQUERQUE et al., 2016, p.65).

¹⁰Offset – fora do lugar: vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa por um cilindro intermediário (blanqueta) antes.

De acordo com Reisch (2010), a música psicodélica explora bastante a subjetividade, loucura, obsessão, tendências a drogas psicoativas, imagens, alucinações e melancolia. As principais características do estilo incluíam músicas instrumentais extremamente longas e efeitos sonoros especiais (tais como: vozes repentinas durante movimento de corte do ritmo da música, risos "imotivados" trazendo como referência quadros clínicos de alucinação ou desespero), muitas vezes com harmonias contrastantes e experimentais (BASSANI, 2013, *web*).

Apesar de toda essa parte obscura por meio da música psicodélica e, conseqüentemente, sobre o uso de drogas, tanto pesquisadores como psiquiatras e psicólogos, abordam questões relacionadas as experiências de autoanálise e de autoconhecimento que podem obter-se com a ajuda de drogas alucinógenas e da música psicodélica.

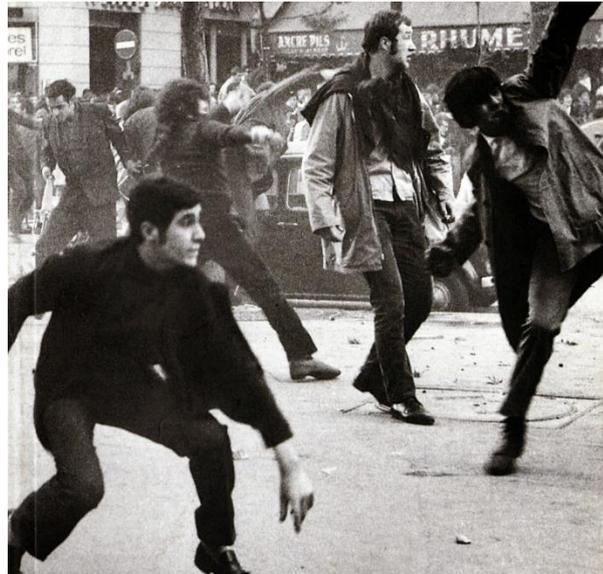
Hanscarl Leuner (1919 – 1996), professor de psiquiatria na Alemanha, desenvolveu a terapia psicodélica. Ele enfatizava que a música é de maior importância para as sessões psicodélicas. Esta terapia contra o alcoolismo crônico e as deficiências psíquicas graves consistia em três fases: primeiro, na tomada de consciência por parte do paciente do seu passado e do seu presente, dos seus objetivos, de suas exigências e frustrações; a segunda, consiste na preparação e na própria sessão psicodélica; a terceira, finalmente, é a fase em que o material da sessão psicodélica é inteiramente revisto, o que pode durar meses e até anos (LEUNER apud HOLFFMAN, 2007).

Desta forma, a década de 60 representou a realização dos projetos culturais e ideológicos alternativos, e ficou marcada pelo surgimento da música psicodélica; bandas como The Beatles e Pink Floyd foram os mentores desse cenário musical. Os Beatles destacam-se, particularmente, com os álbuns *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, que incluía a faixa *Lucy in the Sky with Diamonds*, que teria as iniciais LSD, embora John Lennon, o autor, sempre dissesse tratar-se de uma coincidência e que o nome da música era baseado num desenho feito pelo seu filho. *Rubber Soul*, *Revolver*, *Magical Mystery Tour* e *Yellow Submarine* foram outros álbuns da banda de Liverpool que incluíam músicas psicodélicas (REISCH, 2010).

De acordo com Silva (2007), podemos afirmar que a década de 60 foi dividida em duas partes. A primeira, que existiu entre os anos de 1960 a 1965, que apresentava um ar de inocência nas manifestações socioculturais. Em contrapartida,

na política, eram evidentes o idealismo e o espírito de luta do povo. Já na segunda parte, entre 1966 a 1968, relevam-se as experiências com drogas, a perda da inocência, a liberação sexual, a Guerra no Vietnã, o movimento Maio de 68, e os protestos em geral, os movimentos pela ampliação dos direitos civis compunham toda a pólvora de um barril construído pela fala dos jovens estudantes da época.

Figura 30: Manifestação Política



Fonte: animalpolitico (2018, WEB).

Devido ao aumento do uso do LSD, anfetaminas, heroína e cocaína, a produção das músicas tornou-se cada vez mais psicodélica, e tinha como objetivo expressar a viagem sentida no uso dos alucinógenos, através da música.

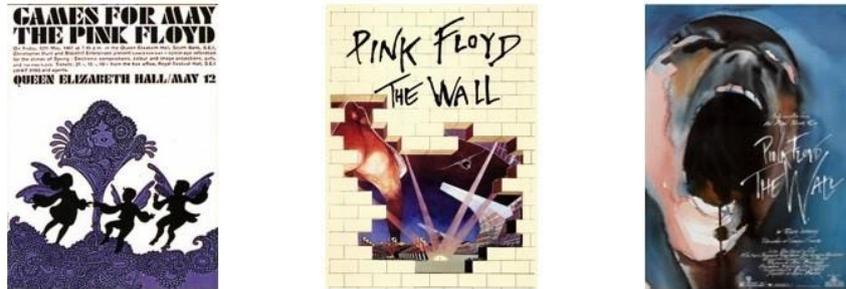
Pink Floyd, se destaca nesse momento com o uso da reverberação artificial, unidades de ressonância, retorno de som e misturas de elevações, com o significado de deixar “derreter” os timbres.

Ao longo dos anos, o Pink Floyd inspirou ilustrações surreais que foram utilizadas em pôsteres, camisetas e filmes. De acordo com Reisch (2010, p. 204), “O Pink Floyd é o sonho de qualquer filósofo, pois seria muito difícil encontrar um grupo de rapazes criadores de música mais enigmático e paradoxal que esse”.

Como digo aos meus alunos, a arte não é um “objeto” ou uma “coisa”, mas, na verdade, uma experiência emocional que se assemelha a um diálogo. A mesma pessoa é capaz de vivenciar uma obra de arte diversas vezes e ter inúmeras experiências distintas, pois cada um de nós está em constante mudança. (REISCH, 2010. p.39).

Abaixo algumas das obras que mais se destacaram no cenário da arte Pink Floydiana:

Figura 31: Da esquerda para direita: Pôster para o evento Games For May (1967), pôster alternativo para o filme *The Wall*; O Grito, pôster oficial do filme *The Wall* (1982)



Fonte: thestrangebrew; proximasessao (2018, WEB).

O filme, *Pink Floyd – The Wall*, é considerado um clássico no cinema mundial, pois relata, por meio de cenas memoráveis, os sentimentos que Roger Waters representou através de suas composições e letras na época.

As imagens basicamente são reproduções mentais do mundo sensual da visão. Tanto a natureza, como os artefatos humanos proporcionam o material bruto do mundo exterior que o cérebro reproduz no santuário interior da consciência (...) O cérebro, de maneira simultânea, sente cada parte do todo integrando-as de forma sistemática dentro de uma estrutura da *Gestalt*. A maioria das imagens é compreendida de uma só vez. O processo de ler palavras é diferente. Quando o olho examina letras individuais distintas organizadas em determinada sequência linear, vemos surgir uma palavra com um certo significado¹¹ (REISCH, 2010).

¹¹Leonardo Shlain *The Alphabet Versus the Goddess: The Conflict Between Word and Image* [O Alfabeto Contra a Deusa: O Conflito Entre a Palavra e a Imagem] (New York: Penguin, 1998), p.4.

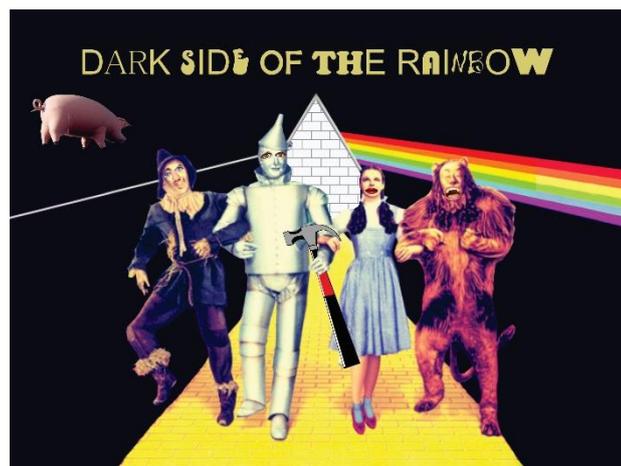
Figura 32: Reprodução mental segue a da visão? Gestalt



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Sobre a misteriosa sincronia do filme, *Mágico de Oz* (1939), com o álbum *Dark Side Of The Moon*, também tratada anteriormente, e que a banda nega quaisquer existências de conexão entre as duas obras. Contudo, quem já se deu ao prazer de colocar o filme no mudo sem legendas e dar o play no álbum da banda, notou que em diversos momentos uma obra corresponde a outra, seja por parte das letras das músicas ou simplesmente pela sincronia, áudio-visual. É difícil, em circunstâncias como essas, não pensar que existia alguma ligação entre os dois fatos (SUSSEKIND, 2017).

Figura 33: Dark side of the rainbow (releitura)



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

De acordo com Reisch (2010), o psicólogo Carl Jung nomeou esse conceito como sincronicidade, em resumo, é uma tentativa pseudocientífica de definir

“coincidências significativas”, distintas daquelas causalidades que são insignificantes e comuns. Já o psicólogo Klaus Conrad, propôs o termo “apofenia” para descrever a percepção espontânea de conexões e significados de fenômenos não relacionados. No entanto, nenhum conceito ou outro, chegaram a quaisquer conclusões sobre essa misteriosa sincronia entre as duas obras.

Talvez aqui possamos finalmente, encontrar uma explicação razoável, pois não acreditamos ser frutífera as conexões causais, ou algum tipo de conexão psicológica significativa e casual (JUNG, 1952), podemos simplesmente atribuir o *The dark side of the moon* com o Mágico de OZ, aos próprios elementos temáticos das duas obras e à relevância cultural que representam para a maioria de seus admiradores.

Reisch (2010), ainda relata em sua parte central, O mágico de OZ parece tentar deixar uma existência mundana e partir para um lugar mais interessante, como indica a canção *Over the rainbown* (além do arco-íris) do filme, apenas para descobrir que nosso lar é o que há de mais importante. O *dark side of the moon*, diz algo semelhante: não que o lar é a coisa mais importante, mas que é a única coisa: “all you touch and all you see” (tudo o que você toca e tudo que você vê). A partir daqui *dark side*, vai para um lugar que Hollywood consideraria um suicídio comercial.

A sincronização, por sua vez observada é subjetiva e pessoal, mas não menos real por causa disso. O fato de a sincronização parecer funcionar, apesar de sabermos que ela não foi planejada ou arquitetada, talvez seja a melhor prova de que sua existência está em algo dentro de todos nós. Oz é repleto de significados, embora seja uma invenção da imaginação de Dorothy. E o próprio mágico sabe que a realidade, de muitas maneiras, é menos importante do que a percepção. E esse princípio também é válido para *The Dark Side of the Rainbown*.

O colapso dos horizontes temporais e preocupação com a instantaneidade surgiram em parte em decorrência da ênfase contemporânea no campo da produção cultural em eventos, espetáculos, *happenings* e imagens de mídia. Os produtores culturais aprenderam a explorar e usar novas tecnologias, a mídia e, em última análise, as possibilidades multimídia. O efeito, no entanto, é o de reenfatar e até celebrar as qualidades transitórias da vida moderna. (HARVEY, 1989, p.61).

Logo, esta misteriosa sincronia foi batizada pelos fãs com nomes bem sugestivos como: *Dark Side of the Rainbow*, *The Dark Side of the Oz*. E assim,

surgindo mais artes ilustrativas representando essa interação entre as duas obras (SUSSEKIND, *web*).

Figura 34: The dark side of the OZ



Fonte: Osprofanos (2017, WEB).

Deste modo, podemos ter uma pequena noção do vasto elo entre a arte e a loucura (espírito dionisíaco); por trás do Pink Floyd. Esta, nos mostra ir além dos palcos, nos proporcionando todo um espetáculo audiovisual, facilitando a expansão de nossos sentidos multissensoriais e percepções extra-sensoriais.

O conceito de espetáculo unifica e explica uma grande diversidade de fenômenos aparentes. Suas diversidades e contrastes são as aparências dessa aparência organizada socialmente, que deve ser reconhecida em sua verdade geral. Considerado de acordo com seus próprios termos, o espetáculo é a *afirmação* da aparência e a afirmação de toda a vida humana – isto é, social – como simples aparência. Mas a crítica que atinge a verdade do espetáculo o descobre como negação visível da vida que se tornou visível. (DEBORD, 1997, p.16).

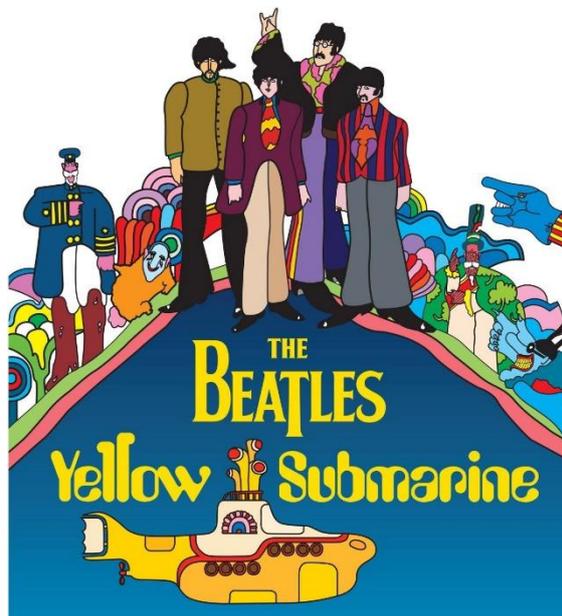
No mesmo estilo que Pink Floyd tinha seu elo entre a arte a loucura, os Beatles também tinham sua personalidade artística, envolvendo o cenário psicodélico da época.

Os Beatles deram toda a licença para serem verdadeiramente suas próprias personalidades artísticas. Assim foi possível manter a banda unida, porque tinham a liberdade de dizer ou fazer coisas desagradáveis uns aos outros. Podiam rejeitar o que quer que achassem ridículo nas canções, e atingir os mais irretocáveis resultados finais. Tinham uma capacidade de lidar com os pontos fracos uns dos outros de forma que só os pontos fortes resistiam (DOGGETT, 1968).

Quando *Sgt Pepper* ficou para trás, os Beatles imediatamente mergulharam na gravação da trilha sonora para dois filmes muito diferentes: *Yellow Submarine* e *Magical Mystery Tour*.

Yellow Submarine, é um desenho animado, lançado em 1968, baseado em várias canções da banda. O álbum com a trilha sonora, foi lançado 6 meses após o filme. Em 1999, o desenho foi reeditado digitalmente e foi lançado o álbum *Yellow Submarine*, com todas as músicas do Beatles presentes no filme.

Figura 35: Capa do filme *Yellow submarine* (1968)



Fonte: diariodosbeatles (2018, WEB).

O filme *Yellow Submarine*, conta a história de Pepperland: um paraíso quase terrestre que fica a 80 mil léguas ao fundo do mar. Uma terra sem inverno, onde a brisa leva a toda parte o som da música e das risadas e onde ninguém se sente só, pois a Banda do Sargento Pepper está sempre tocando a sua música. Até que um dia o Líder dos Maldosos Azuis, que detestava todo tipo de música, decide varrer Pepperland do mapa, deixando-o sem cor e sem som. Mas, navegando em um submarino amarelo, pelo mar dos Monstros, os Beatles chegam para trazer a paz e a música de volta o paraíso.

Magical Mystery Tour, foi produzido e dirigido pela banda, tendo eles como protagonistas. Lançado em 1967, foi um longa-metragem experimental de 50 minutos,

para a televisão em cores. A ideia do projeto partiu de Paulo McCartney (compositor da letra da música título), que se envolveu profundamente com o trabalho e fez, praticamente sozinho, toda a montagem. Idealizado para ser um filme sem roteiro, uma coleção de ideias e diálogos improvisados, recheados com clips dos Beatles.

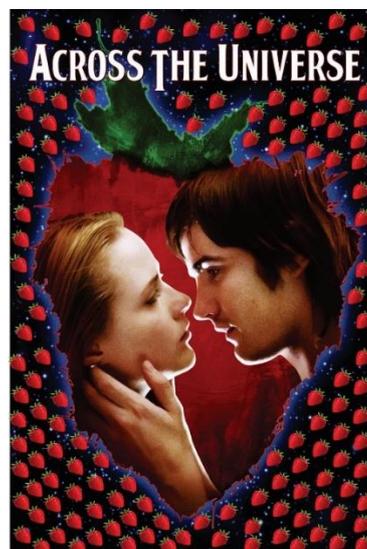
Figura 36: Capa do filme *Magical Mystery Tour*(1964)



Fonte: britishbeatlesfanclub (2018, WEB).

Em 2007, foi lançado o filme *Across the universe*, diferente dos filmes anteriores, ele não traz a banda para protagonizar, porém toda a trilha sonora é voltada para a banda.

Figura 37: Capa do filme *Across the Universe* (2007)



Fonte: rogerebert (2018, WEB).

O filme retrata os anos de 1960, lutas, guerras e paixões; começa em Liverpool, de onde o inglês Jude decide partir para os Estados Unidos em busca de seu pai. Lá ele conhece Max, um estudante rebelde, torna-se seu amigo e se apaixona pela irmã de Max, Lucy. Esta por sua vez, acaba se envolvendo com emergentes movimentos de contracultura, da psicodelia aos protestos contra a Guerra do Vietnã. Em meio às turbulências da época, Jude e Lucy vão passar por situações que colocam sua paixão em risco.

Por não haver nenhum tipo de ressentimento por conta da riqueza e da fama, a jornada desses quatro jovens, aparentemente sem esforços, prometia transfigurações semelhantes aos seus admiradores, através de bigodes, túnicas militares, flores, paz e amor universais, que conduziam seus fãs. Contudo, nada disso foi invenção deles, porém a banda foi o canal pelo qual os símbolos dessa época atingiram o mundo inteiro.

Tanto Pink Floyd, quanto The Beatles, bandas destaques no cenário psicodélico, expandiram seus horizontes, por meio da música e da arte num todo. Explorando desde as capas de discos, a clipes, na sua maior parte ilustrativos com desenhos e animações que davam vida a expressões artísticas sob a viagem psicodélica, na qual a seguinte frase era lema desse cenário: abrir-se, harmonizar-se e deixar, era o que muitos buscavam ao tomar LSD. As cores se tornavam mais vibrantes, as imagens mais aleatórias, seguidas de distorções e repetições. Muito semelhante ao pós-moderno que estava sendo utilizado na crítica literária de 1960, e suas características referem-se a uma estética que rompe com a previsibilidade do modernismo.

INTERLÚDIO III:

“Temos a arte para não morrer de verdade” (Friedrich Nietzsche):

Neste prelúdio criamos uma reflexão sobre o Design e o seu contexto nos anos de 1950 a 1980, nos países Inglaterra, Estados Unidos da América e Itália, destacando os grupos Alchimia e Memphis, o contexto sociocultural da época e suas variáveis com influência no desempenho e nas atividades das organizações, refletindo valores, costumes e tradições da sociedade.

O modo como nos comunicamos, entendemos e vemos, desde imagens a objetos, articulações e possibilidades de sentidos que permeiam nossas performances comunicacionais, definimos a atividade do design em nossas vidas.

Vale ressaltar, que o ponto de partida do design foi a escola Bauhaus, fundada por Walter Gropius, em 1919. Situada em Dessau (Alemanha), Bauhaus foi uma das maiores e mais importantes expressões do que é chamado Modernismo no design e na arquitetura, sendo a primeira escola de design do mundo.

De acordo com Bürdek (2010), as consequências produto-culturais da Bauhaus, com o postulado de Walter Gropius “ARTE e TÉCNICA – uma nova unidade”, criou-se um novo tipo de profissional para a indústria, alguém que domina a moderna técnica e a respectiva linguagem formal. Instituiu fundamentos para a mudança da prática profissional do tradicional artista/artesão para o design industrial.

Gropius, com base na frase de Eckstein (1985): “um objeto é determinado pela sua ‘essência’. Para ser projetado de forma que funcione corretamente – um vaso, uma cadeira, uma casa – sua essência precisa ser pesquisada; pois ele necessita cumprir corretamente sua funcionalidade, preencher suas funções práticas, ser durável, barato e bonito”. O que na realidade Walter fez dessa frase foi que o objeto ou produto a ser produzido, deveria seguir forma e função. Que na época, a fascinação por novos métodos de construções, exploravam todas as novas possibilidades funcionais. Entretanto, essa fascinação acabava por desenvolver uma simbologia própria.

Figura 38: Mr side chair (1927)



Fonte: Pinterest (2018, WEB).

Após a segunda guerra mundial, surge a Hochschule für Gestaltung (Escola Superior da Forma) de ULM. Assim como a Bauhaus, influenciou fortemente a arquitetura e a arte, a HfG Ulm influenciou a teoria, a prática do design, a comunicação visual de diversas formas; assim, fazendo com que as duas escolas fossem muito legítimas.

Segundo Bürdek (2010), Gropius entendia o funcionalismo no design na forma de que deveria satisfazer as necessidades físicas e psíquicas dos usuários mediante os produtos. Em relação as questões voltadas para a beleza da forma, eram para ele de natureza psicológica. Assim sendo, uma escola superior não deveria apenas ter sua tarefa voltada para o ensino de apropriação de conhecimento, de educar a compreensão, mas também os sentidos.

Figura 39: Juicy Salif (1990), Philippe Starck



Fonte: eltonsales (2018, WEB).

Assim como escrevemos sobre a Bauhaus, devemos escrever também as consequências produto-culturais da HfG Ulm. Seus princípios foram trabalhados, nos anos de 1960, pelos irmãos Braun, que passaram a ser o centro de um movimento de “boa forma”, atraindo a atenção mundial. De um lado estavam os modos de produções industriais e do outro, a aplicação em bens de consumo e produção, que fez com que fossem aceitos rapidamente. O “Gute Form”, tornando-se a marca internacional do design alemão.

Figura 40: Os irmãos Artur e Erwin Braun (1956)



Fonte: designontherocks (2018, WEB).

Com a chegada dos anos 60, chega-se os primeiros sintomas da crise nos países europeus. Estudantes dos Estados Unidos estavam unidos em manifestações e protestos e que rapidamente foram reproduzidas pelos países na Europa: Primavera de Praga¹² e as Manifestações de Maio em Paris¹³. A base de tudo isso, voltava-se a crítica social. Na Europa, resumia-se sobre o conceito da Nova Esquerda, e na Alemanha sob os trabalhos teóricos da Escola de Frankfurt.

No campo do design, a atenção voltava-se para os trabalhos de Wolfgang Fritz Haug, que desenvolveu a pesquisa sobre a “crítica da estética dos objetos”. Haug mostrou em diversos exemplos, que o design deixava a desejar na melhoria do valor de uso do produto.

¹² Período de liberalização política na Tchecoslováquia durante a época de sua dominação pela União Soviética, após a Segunda Guerra Mundial.

¹³ Greve geral com proporções revolucionárias.

A crítica do funcionalismo de acordo com Denis (2000), inflamou especialmente a arquitetura e o planejamento urbano. O “*International Style*”¹⁴ tal como se manifestou, transformou grandes cidades com conjuntos habitacionais, porém esse tipo de ambiente construído em série, foi mais tarde considerado como opressor e violador da psique humana (Gorsen, 1979).

O arquiteto Werner Nehls (1968) reagiu de forma polêmica e irônica, com a seguinte frase: “concepção objetiva e funcionalista do design estava completamente ultrapassada”.

Figura 41: Braun Snow White Coffin



Fonte: thevinylfactory (2018, WEB).

Seguindo esta linha de raciocínio, o pensamento do estudante do design, tanto da Bauhaus quanto da HfG Ulm, seria produzir um “design falso”, ficando centrado somente em ângulos retos, linhas retas, forma objetiva, falta de cor e contrastes, compondo uma configuração masculina.

¹⁴ International Style ou estilo internacional à arquitetura funcionalista praticada na primeira metade do século XX, em todo o mundo.

Figura 42: Between the chairs (1965)



Fonte: bauhaus100 (2017, WEB).

Design é uma disciplina que não produz apenas realidades materiais, mas especialmente preenche funções comunicativas (Burdek, 2010, p. 230).

Porém essa concepção de configuração do “design falso” foi deixada para trás, por meio da visão do designer alemão, Luigi Colani. “Deveria se destratar a forma de configuração ótica e plana, do cubo, a configuração do masculino. A configuração atual vem de uma atitude feminina e irracional pressupõe formas orgânicas, cores ricas em contrastes, atributos do acaso” (Dunas, 1993, p. 218).

Com toda essa visão de que o design poderia e deveria explorar mais sua liberdade formal, acabou ganhando a influência do movimento eclético dos pós e neomodernos, que se formaram especialmente na Itália.

É válido colocarmos em evidência que com a chegada dos anos 60, de um lado estavam as manifestações socioculturais (sintomas da crise nos países europeus), e de outro o design pós-moderno, como contraponto ao design moderno que nada mais era, que os movimentos artísticos de origem da Bauhaus.

Figura 43: Paralelo entre design e sociedade



Fonte: Fernanda Rios, 2017.

Na Bauhaus a tipografia era compreendida como ferramenta de comunicação. Para tanto a clareza e a legibilidade deveriam ser características PRIORIZADAS em relação ao aspecto estético do objeto ou produto.

Figura 44: Tipografia da Bauhaus

**A B C D E F G H I J K L M N
O P Q R S T U V W X Y Z À Á
a b c d e f g h i j k l m n o p q
r s t u v w x y z à á é î ã & 1
2 3 4 5 6 7 8 9 0 (\$ £ . , ! ?)**

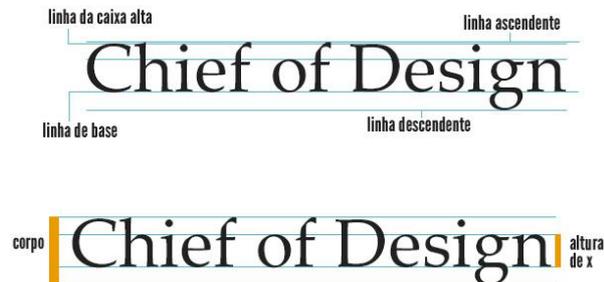
Fonte: identifont (2018, WEB).

Há controvérsias que o moderno e pós-moderno surgiram no campo da Filosofia, mas foi na arquitetura, artes plásticas, literatura e música, no cinema e no DESIGN, que ele se tornou realidade.

O design moderno utilizava suas composições, voltadas para o chamado GRID SYSTEM, o famoso 'sistema de grades', no qual tudo é estruturado respeitando-se as várias linhas de construção. Assim, as tipografias manuscritas e serifadas deram lugar

ao estilo de máxima legibilidade e uniformidade de traço. Com a chegada do design pós-moderno, rompe-se esses dogmas e normas básicas criadas pela Bauhaus.

Figura 45: Grid System



Fonte: chiefofdesign (2018, WEB).

Os elementos visuais passaram a ser de forma descontraída e livre, com pouca ou nenhuma preocupação com clareza e legibilidade. Colagens, ruídos, sujeiras e imperfeições passaram a ser utilizadas como elementos visuais. Bem como, a aleatoriedade e a mistura de tipografias em peso e estilos dentro de uma mesma palavra.

Figura 46: Capa de disco The Who



Fonte: wholigansuk (2017, WEB).

O design pós-moderno foi uma possibilidade de romper com as “formas geométricas retilíneas e com tons acromáticos, características da tradição de Ulm”. (NIEMEYER, 1997, p. 20).

O papel do designer do novo milênio é tanto de proteger quanto enriquecer a sociedade com símbolos e verdade que não agridam o meio ambiente (STARK, data).

As mudanças iniciadas nos anos de 1960, a função simbólica ou comunicativa do produto se tornou tão importante em detrimento funcionalidade prática que muitos objetos se converteram em peças de arte (BURDEK, 2010).

A partir da década de 80 surgiu a tendência da mistura do modernismo e do pós-modernismo. Os valores modernistas que antes eram totalmente abandonados, agora eram reinventados com um viés PÓS-MODERNO.

A partir dos anos de 1980, o design adotou um equilíbrio entre a funcionalidade prática e a qualidade comunicativa de um produto que deveria então adquirir o valor de signo.

Com o campo do design, voltado para a parte simbólica e peças de arte. Foi fundado em 1976, o Studio Alchimia, que só em 1980, tornou-se o design mediador de sentimentos, ideias, conceitos e até mesmo de utopias. Foi considerado o grupo de design mais importante internacionalmente, participando de diversas exposições e performances que divulgavam sua estética pelo mundo.

Tinha como intenção substituir a fria funcionalidade dos produtos de massa herdados do modernismo por uma funcionalidade mais emocional. Assim, procuravam criar uma relação objeto-usuário que deveria produzir uma relação sensorial, criando valor agregado emocional a esse objeto.

Os produtos deixaram de ser produzidos em escalas, para serem fabricados artesanalmente. Isso se tornou a assinatura do Alchimia: peças únicas com um tom cômico e irônico.

Figura 47: Mobiliário Studio Alchimia



Fonte: idisturato (2018, WEB).

Diferentemente do Studio Alchimia, surge o Grupo Memphis. Fundado por Ettore Sottsass, que foi um movimento da arquitetura e do desenho industrial, que rejeitam o intelectual e o artesanal, aceitando o consumismo, a indústria e a propaganda como parte do processo.

Figura 48: Ettore Sottsass



Fonte: artemagazine (2018, WEB).

Tem como característica objetos provocativos e com cores fortes. Ilustrando o período de “LIBERAÇÃO DO DESIGN NO QUE SE REFERE A ESTÉTICA” no mundo todo, propondo a discussão sobre a anti-funcionalidade.

Estes davam mais ênfase à aparência do que à funcionalidade preconizada pelo design moderno da Bauhaus. O movimento era uma reação contra os produtos minimalistas da época da Bauhaus, que careciam de personalidade e individualismo.

Em troca, o grupo ofereceu peças coloridas e impactantes, as cores utilizadas contrastavam com as cores dos tons marrom do mobiliário europeu (DENIS, 2000).

Figura 49: Mobiliário Grupo Memphis



Fonte: arqdesignblog (2018, WEB).

Foi considerado, na época, como uma reação ao movimento moderno. A discussão, então, se realizava em torno da funcionalidade dos objetos em detrimento de sua estética e simbologia. O grupo Memphis criticava a evolução da forma dos objetos apenas em relação a sua “funcionalidade” (ignorando suas outras funções como a estética e a simbólica) (treere.wordpress.com).

Os designers começaram a criar objetos provocativos, anti-funcionais, excêntricos, ornamentais, com o uso de cores vibrantes e estampas. De acordo com Zanini (2009), o grupo Memphis provocava o “caos semântico” e com humor, energia e vitalidade, criou um novo vocabulário para o design (abcdesign).

Figura 50: Objetos para exposição Grupo Memphis



Fonte: Pinterest (2018, WEB).

Acreditamos que a grande herança de Memphis pode ser creditada aos movimentos de vanguarda italianos Radical Design e Anti-Design. Eles contestavam o funcionalismo e o racionalismo do estilo moderno internacional, valorizando a expressão criativa individual e a diferenciação cultural. Ambos criaram os fundamentos teóricos para o futuro movimento pós-moderno.

A primeira exposição do grupo ocorreu na Feira do Móvel de Milão, em setembro de 1981, obtendo enorme sucesso. O evento se repetiria todos os anos até 1988, quando o grupo se desfez consciente de que não era mais possível surpreender. Sottsass já havia abandonado o grupo em 1985, concentrando suas atividades no estúdio Sottsass Associati, onde voltou a dedicar-se à arquitetura, trabalhando em projetos para cadeias de lojas, prédios públicos e residências.

Figura 51: Sottsass projeto residencial



Fonte: bloombety (2017, WEB).

Mesmo com sua dissolução em 1988, o grupo Memphis influenciou muito o design pelo mundo a fora. Apesar de todas as contradições, permitiu ao design se liberar de sua vocação unicamente utilitária. Alguns dos conceitos propostos ainda permanecem, como o uso de cores fortes e contrastantes em móveis e utensílios; e também o uso do plástico, que pelas mãos dos italianos, ganhou formas originais e ar refinado, além de contribuir para baratear o design e abrir caminho para a aceitação de objetos.

E eis que ao nos depararmos com tantos conhecimentos legais nas áreas estudadas, finalizamos a pesquisa sobre o grupo Memphis, contanto a origem do nome do grupo, que em uma atitude dadaísta, foi tirado da música “*Stuck Inside of Mobile With the Memphis Blues Again*” do Bob Dylan, pois tocou repetidamente durante a reunião organizada de Ettore Sottsass, com alguns designers, para formar um grupo de desenho colaborativo.

CONCLUSÃO

“Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos” (Friedrich Nietzsche):

Neste último prelúdio, por meio de análises obtemos a conclusão obtida com o estudo.

Como último ato, a considerações finais. Assim, direcionamos o resultado desta pesquisa, considerada uma transição natural percorrida entre as áreas abordadas neste livro, desde a filosofia de Nietzsche em relação a música e a arte, a música em si no contexto do *rock and roll*, passando pelo psicodelismo, que caminhava praticamente junto ao movimento pós-moderno, até chegarmos ao design, onde foram pincelados assuntos da Bauhaus, Studio Alchimia e Grupo Memphis, um livro experimental contendo arte e design.

Filosofia presente na arte musical;
Filosofia presente na arte do design;

Na música, onde tratamos sobre o *Rock and Roll*, focamos no psicodelismo, tanto no cenário musical, quanto no envolvimento das artes por trás das bandas Pink Floyd e The Beatles. Na qual, por meio da banda The Beatles, e sua forma musical voltada para os sonhos, o mágico e o colorido, conseguimos identificar a arte apolínea, a manifestação esplêndida da inocência das almas, o mundo dos sonhos e do belo.

Já por meio da banda Pink Floyd, temos um rock progressivo, de uma certa forma um estilo musical mais agressivo, sombrio que, simultaneamente, junta-se a arte dionisíaca, um mundo mais surreal, o mundo da loucura chegando muitas vezes ao esquecimento de si mesmo.

Na primeira etapa da pesquisa, evidenciamos a filosofia de Nietzsche, como base na música, *rock and roll* (The Beatles e Pink Floyd), que estão por trás do psicodelismo. Movimento no qual foi fruto da arte apolínea e dionisíaca.

Partindo para a área do design, focamos no pós-moderno, tanto no cenário gráfico, quanto no envolvimento do movimento na criação de objeto/produto. E eis que, por meio das características do Studio Alchimia e do Grupo Memphis,

encontramos, mais uma vez a influência da filosofia de Nietzsche, observada por meio de símbolos e cores.

O Studio Alchimia, voltado mais para o artesanal, agregando valor emocional ao objeto/produto a ser produzido. Identificando-se com características encontradas na arte apolínea, a harmonia em forma de “aparência”; por sua vez o Grupo Memphis, traz atributos mais industrial, com cores vibrantes e objetos provocativos, identificando-se com traços do fazer dionisíaco, ligado à exacerbação dos sentidos, misticismo e a supremacia amoral dos instintos (tendências).

A partir das hipóteses de que a filosofia do Nietzsche, influenciou a música e os movimentos socioculturais do período de 1950 à 1980, podemos inferir que o design sofreu os mesmos influxos, gerando trabalhos ricos em representações simbólicas do pensamento Nietzscheano; para tanto, destacamos uma ação de pesquisa baseada na fenomenologia, que fomenta no autor buscar, a partir de si e do exposto no próprio fenômeno, as inferências que permitam a construção hipóteses, edificando, desta forma, uma visão angular e própria sobre o objeto de estudo.

Acreditamos, contudo, que o percurso trilhado até aqui foi bastante produtivo na edificação deste axioma filosófico, sobre a música e do design de 1950 a 1980.

Na primeira etapa da pesquisa, conseguimos evidenciar a filosofia de Nietzsche, como base na música, rock and roll (The Beatles e Pink Floyd), que estão por trás do psicodelismo. Movimento no qual foi fruto da arte apolínea e dionisíaca.

The Beatles com sua forma musical voltada para os sonhos, o mágico e o colorido, identificamos a arte apolínea, a manifestação esplêndida da inocência das almas, o mundo dos sonhos e do belo. Com Pink Floyd, temos um rock progressivo, de uma certa forma um estilo musical mais agressivo, sombrio que, simultaneamente, junta-se a arte dionisíaca, um mundo mais surreal, o mundo da loucura chegando muitas vezes ao esquecimento de si mesmo.

Na segunda etapa da pesquisa, conseguimos evidenciar a Filosofia de Nietzsche, por meio das características do Studio Alchimia e do Grupo Memphis, através de símbolos, cores e afetos comunicacionais.

Studio Alchimia, voltava-se mais para a arte artesanal, agregando valor emocional ao objeto/produto. Identificando-se as características encontradas na arte apolínea, a harmonia em forma de “aparência”. Com uma pegada mais industrial, o Grupo Memphis com cores vibrantes e objetos provocativos, acaba por se identificar

a arte dionisíaca, ligado à exacerbação dos sentidos, misticismo e a supremacia amoral dos instintos (tendências).

Espero, por fim, ter contribuído com a geração de um diálogo provocativo, para possíveis estudos com base nesta pesquisa, com o intuito de acrescentar o entrelaçamento das três áreas citadas no decorrer da pesquisa: Filosofia, Design e Música.

Finalmente, vamos salienta, que as imagens aqui criadas, serão utilizadas posteriormente, focando no design de interiores. As imagens serão transformadas em estampas, pôsteres, almofadas, quadros, xícaras a serem comercializados.

REFERÊNCIAS

_____. **O design tropicalista de Rogério Duarte**. In: MELLO, Chico Homem de. (Org.). *O design gráfico brasileiro: anos 60*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. p. 188-215.

_____. **Notícias**. Disponível em: <<http://www.thebeatles.com.br/>>. Acesso em 02 Novembro de 2016.

_____. **Revolver**. Disponível em: <<http://utopiko.wordpress.com/2009/10/13/autarquicas-2009/>>. Acesso em 02 de Novembro de 2016.

_____. **Rubber soul**. Disponível em: <<http://beatlesfanbr.posterous.com/?tag=rubbersoul>>. Acesso em 02 Novembro de 2016.

ALBUQUERQUE, Jennifer; OLIVEIRA, Kethlenn; MACHADO, Larissa; FREITAS, Thamires; STEOLA, Wilson. **Design Gráfico dos anos 60 & 70**. Pôsters e Capas de Discos. São Paulo: Herméticos , 2016.

ALTAMONT. **História**. Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/stones/000393-rollingstones.html>>. Acesso em 10 de Dezembro de 2016.

ALUNOS ONLINE. **Maió de 1968**. Disponível em: <<http://www.alunosonline.com.br/historia/maio-de-1968/>>. Acesso em 09 de abril de 2017.

ANOS 70. Disponível em:<<https://ano70.com.br/movimentos-culturais-nos-anos-70/>> Acesso em 08 de abril de 2017.

BASSANI, Andre. **Psychedelic rock**. Ago. 2013. Wiki, Disponível em: <<https://www.last.fm/pt/tag/psychedelic+rock/wiki>>. Acesso em 20 de nov 2016.

BECCARRI. Marcos. **Articulações Simbólicas**. Uma nova filosofia do design. 2AB. 2016.

BENNETT, Andy. WARNER, Simon. **Remembering Woddstock**. S.I: Ashgate Publishing. 2004.

BONFIM, Gustavo Amarante. **Idéias e formas na história do design**. João Pessoa: UFPB, 1998.

BURDEK, Bernhard E. Design – **História, teoria e Prática do Design de Produtos**. São Paulo: Edgard Blucher. 2010.

DAVIES. Hunter. **As cartas de John Lennon**. Planeta, 2012.

DAVIES. Hunter. **A vida dos Beatles**. Tradução: Henrique Benevides. Ed: Expressão e cultura, 1968.

DEBORD. Guy. A sociedade do Espetáculo. Projeto Periferia, 2003.

DE MAIS, Domenico, 1938 – **O Futuro chegou/ Domenico De Masi**. Tradução: Marcelo Costa Sievers. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2014.

DENIS, Rafael Cardoso. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blücher, 2000.

DI PIETRO, Valéria. **Cultura – Existo, logo penso!**. CIDADE, ago. 2007. Disponível em: <<https://culturareligare.wordpress.com/2007/08/03/anos-60/>>. Acesso em: 20 de Novembro de 2016.

DOGGETT. Peter. **A batalha pela alma dos Beatles**. Tradução: Ivan Justen Santana. Ed: Expressão e cultura, 1968.

DUARTE, Rogério. **Tropicaos**. São Paulo: Azougue, 2003.

DUARTE, Rogério: **O designer Tropicalista**. Set. 2009. 9anod. Disponível em: <<http://rogerioduarte9anod.blogspot.com.br/>> Acesso em 20 de fev 2017.

DUNAS. Peter: **Luigi Colani und die organisch-dynamische Form seit dem Jugendstil**. Munique. 1993

EDUARDO, Jiuliano. **Filosofia Pink Floyd**. s/ data. Disponível em: <<http://filosofiapinkfloyd.blogspot.com.br/p/albuns.html>>. Acesso em 10 de nov 2016.

ECKSTEIN. Hans. Formgebung des Nützlichen. **Marginalien zur Geschichte und Theorie des Design**. Düsseldorf. 1985

EURÍPEDES. **As bancantes de Eurípedes**. Editora: ZAHAR. 1993

FILHO, João Gomes. **Ergonomia do objeto**: sistema técnico de leitura ergonômica. São Paulo: Escrituras, 2003.

FRICKE, David *in* Rolling Stone: **Pink Floyd**. São Paulo: Spring, edição especial, vol 7, março, 2014.

GILMOUR, David. Pink Floyd: **Dark Side of the Moon**. Fev. 2016. Disponível em: <<https://whiplash.net/materias/curiosidades/239338-pinkfloyd.html>>. Acesso em 20 de Mar 2017.

GOFFMAN. Ken. **Contracultura através dos tempos**: do mito do Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GOLFMANN, Erving. **Dicionário de Sociologia**. 1. ed. Porto, Portugal: Porto, 2004.

GOMES. Vidal; JUNIOR. Brod; MEDEIROS. Ligia. SGT PEPPER: **Projeto e desenho da capa**. Rio de Janeiro: Schds, 2015.

GORSEN. Peter. **Zur Dialektik des Funktionalismus heute**. Versão em inglês: Habermas, Jürgen. Ed. 1979

GRUSZYNSKI, Ana Cláudia. **Comunicação Gráfica e Pós-Modernidade**. Artigo de trabalho apresentado no 15º Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. UNESP-Bauru, 6 a 9 de junho de 2006.

GUARNACCIA, Matteo. **Provos**: Amsterdam e o nascimento da contracultura. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2001.

GUERREIRO, Eduardo. **The Beatles Biografia – Uma Breve História**. Ago. 2016. Disponível em: <<http://blog.chadefita.com.br/the-beatles-biografia-breve-historia/>>. Acesso em Mar 2017.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. Ed. Loyola, São Paulo, 1989.

HERMES, Will *in* Rolling Stone: **Pink Floyd**. São Paulo: Spring, edição especial, vol 7, março, 2014.

HICKS. Michael. Sixties Rock: **Garage, Psychedelic, and other Satisfactions**. University Of Illinois Press, 1999.

HOFFMAN. Albert. **LSD – Minha criança problema**. 2007.

HUXLEY, A. **As portas da percepção**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

HOLLANDA, Heloisa in Jack Kerouac: **King of the beats**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

KEROUAC, Jack. **On the road**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

KRANICH. **Trug der drogen [A ilusão das drogas]**. Edição de bolso. Siebenstern, 1974.

LAWRENCE, Sharon. **Jimi Hendrix: A dramática história de uma lenda do rock**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2005.

MEGGS, Philip B. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MILES, Barry. Jack Kerouac: **King of the beats**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento-Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 8ª edição, 2004.

MIZANZUK, Ivan; PORTUGAL, Daniel B.; BECCARRI, Marcos. **Existe design?: Indagações filosóficas em três vozes**. 2AB. 2013.

MÚSICA PSICODÉLICA. Viagem. Disponível em: <<http://misturaurbana.com/2011/09/especial-uma-viagem-pela-psicodelia-em-50-discos/>>. Acesso em 09 de abril de 2017.

NIEMEYER, Lucy. **Design no Brasil: origens e instalação**. 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**. Editora: Moraes. 1872

NIETZSCHE, Friedrich. **O crepúsculo dos Ídolos**. Editora: Nova Fronteira. 1889

PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense S.A, 1983.

PINK FLOYD. **Dark side of the moon**. Disponível em: <<http://www.blogdose dupla.com.br/pink-floyd-dark-side-of-the-moon/>>. Acesso em 01 de abril de 2017.

RAMOS, A. O.; Vassilieff. **Psicofarmacologia: um desafio para pesquisadores**. Ars Curandi (42-54) fevereiro de 1971.

REISCH, George. **Pink Floyd e a Filosofia**. Tradução: Getulio Shanoski Jr. São Paulo: Madras, 2010.

ROCK PSICODÉLICO. **Mistura urbana**. Disponível em: <<http://misturaurbana.com/2011/09/especial-uma-viagem-pela-psicodelia-em-50-discos/>>. Acesso em 10 de Março de 2017.

ROCK AND ROLL. História. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rock_and_roll>. Acesso em: 21 de Julho de 2016.

Rolling Stone: **Pink Floyd**. São Paulo: Spring, edição especial, vol 7, março, 2014.

RODRIGUES, Jorge Caê. Anos Fatais: **design, música e Tropicalismo**. Rio de Janeiro. 2AB. 2007.

ROSZAC, Theodore. **A contracultura**. RJ, Vozes, 1972.

SANCHEZ, Giovana: **40 anos do festival de woodstock**. Set. 2009. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Sites/Especiais/Noticias/0,,MUL1267354-16107,00-MOVIMENTO+HIPPIE+CONSOLIDOU+REBELDIA+PACIFICA+DA+GERACAO+DE.html>>. Acesso em 20 de fev 2017.

SCHAFFNER , Nicholas. **Saucerful of Secrets: The Pink Floyd Odyssey**. Delta. 1992.

SCHNEIDER, Beat; SPERBER, George Bernard; BERTUOL, Sonali. **Design – uma introdução**: o design no contexto social, cultural, e econômico. São Paulo: Blücher, 2010.

SHUKER, Roy. **Vocabulário de música pop**. São Paulo: Hedra, 1999.

STRAUB, Ericson, GRUNER, Clóvis. **Woodstock: O sonho que virou estilo**. abcDesign, n.º30, p. 22-27, dez 2009.

SUSSEKIND, Tomaz. **Pink Floyd o mágico de OZ**. Mar. 2017. Disponível em: <<http://baudorock.net/2017/03/pink-floyd-o-magico-de-oz/>>. Acesso em 10 de nov 2016.

THE BEATLES. **Lucy in the Sky with Diamonds**. Disponível em: <<http://www.amoeba.com/blog/2009/10/jamoeblog/real-life-lucy-in-the-sky-with-diamonds-dead-from-lupus-at-46.html>>. Acesso em 31 de Março de 2017.

THE BEATLES. **Revolver**. Disponível em: <<https://beatlescollege.wordpress.com/2011/04/28/revolver-fim-das-turnes-e-inicio-da-fase-psicodelica/?platform=hootsuite>>. Acesso em 31 de Março de 2017.

THE BEATLES. **Rubber soul**. Disponível em: <<https://otrecocerto.com/2015/06/12/a-historia-por-tras-da-capa-de-rubber-soul-dos-beatles/>>. Acesso em 20 de Janeiro 2018.

THE BEATLES. **Sgt. pepper's lonely hearts club band**. Disponível em: <<https://efemeridesdoefemello.com/2016/11/24/beatles-iniciam-a-gravacao-de-sgt-peppers-lonely-hearts-club-band>>. Acesso em 31 de Março de 2017.

TROPICALIA. **História**. Disponível em: <http://revolucionno.wordpress.com/2007/09/02/tropicalia/>. Acesso em 04 de Março de 2017.

TURNER, Steve. **The Beatles**: a história por trás de todas as canções. Cosac Naify. 2009.

VANEIGEM, Raoul. **A arte de viver para as novas gerações**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2002.

VINIL, kid. **Almanaque do Rock**. São Paulo: Ediouro, 2008.

WOODSTOCK. Curiosidade. Disponível em: <<http://razoesparaacreditar.com/amor/casal-da-capa-do-disco-woodstock-esta-junto-ate-hoje/>>. Acesso em 31 de Março de 2017.

WOLK, Douglas *in* Rolling Stone: **Pink Floyd**. São Paulo: Spring, edição especial, vol 7, março, 2014.

YES. **Close To The Edge**. Disponível em: <<http://discofilosanonimos.blogspot.com/2010/12/yes-close-to-edge-remastered-bonus.html>>. Acesso em 31 de Março de 2017.

ZANINI. Marco. ABC Design. Disponível em: <<http://www.abcdesign.com.br/o-memphis-libertou-o-design/>>. Acesso em 10 de Setembro de 2017.

REFERÊNCIA DE IMAGENS

Figura 1: Friedrich Nietzsche

Disponível em: <http://www.origemedestino.org.br/blog/johannesjanzen/?post=374>

Figura 2: Universo

Disponível em: <https://www.noticiasominuto.com.br/tech/462161/quantidade-de-antimateria-poe-em-duvida-existencia-do-universo>

Figura 3: Inocência universal

Disponível em: <http://blogqueromuitomais.blogspot.com.br/2013/07/lucy-in-sky.html>

Figura 4: Sgt Pepper

Disponível em: <http://swamptowers.blogspot.com.br/2017/06/sgt-pepper-splendid-time-was-guaranteed.html>

Figura 5: Capa de disco Rubber Soul (1965)

Disponível em: <https://cdn.4archive.org/img/0DjRm3g.jpg>

Figura 6: Capa de disco Revolver (1966)

Disponível em: <https://www.popmatters.com/five-revolver-era-songs-that-prove-george-martins-impact-on-the-music-world-2495445475.html>

Figura 7: Yellow Submarine psicodélico

Disponível em: https://www.lidovsky.cz/foto.aspx?r=ln_kultura&foto1=MC41f872_p201203200876801.jpg

Figura 8: Capa de disco Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band (1967)

Disponível em: <http://www.hillmanweb.com/beatles4/paul/pm05.html>

Figura 9: Desenho de Lucy O'Donnell "no céu com diamantes" (1967)

Disponível em: https://www.nrk.no/kultur/_lucy-in-the-sky-with-diamonds_-1.3272383

Figura 10: A inocência do sonho

Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/sala33/como-as-musicas-cantam-os-vicios-a-representacao-das-drogas-nas-cancoes/>

Figura 11: Pink Nísio

Disponível em: <https://awesomemcnuget.deviantart.com/art/Floyd-of-the-Pink-variety-195963828>

Figura 12: Capa de disco The Piper At The Gates Of Dawn (1967)

Disponível em: <http://opening.download/view.php?pic=http://cdn.wallpapersafari.com/35/98/kljFL9.jpg>

Figura 13: Barretóteles, natureza da identidade

Disponível em: <https://lifeandstyle.mx/entretenimiento/2017/01/06/la-historia-de-como-syd-barrett-fue-expulsado-de-pink-floyd>

Figura 14: A loucura brilhante como o sol

Fonte primária

Figura 15: Capa de disco The Dark Side of the Moon (1973)

Disponível em: <http://blogs.jornaldaparaiba.com.br/silvioosias/tag/dark-side-of-the-moon/>

Figura 16: Capa de disco Wish You Were Here (1975)

Disponível em: <https://www.discogs.com/Pink-Floyd-Wish-You-Were-Here/master/11703>

Figura 17: Porca Algie, antes de se desprender (1977)

Disponível em: <http://gilmour-myri.tumblr.com/post/140608540850>

Figura 18: Capa do disco Animals (1977)

Disponível em: <https://www.taringa.net/posts/musica/19847833/4-anos-sin-Storm-Thorgerson---Enterate-quien-fue.html>

Figura 19: Capa do disco The Wall (1979)

Disponível em: <http://thewallcomplete.com/2016/03/23/02-04-vera/>

Figura 20: Universalidade dionisiaca e a natureza apolínea

Disponível em: <http://novosib-room.ru/psixoanaliz-luchshee-lekarstvo-ot-stradanij-10356/>

Figura 21: Ramones

Disponível em: <https://tpmidia.files.wordpress.com/2011/04/ramones-pared.jpg>

Figura 22: Contracultura

Disponível em: <http://www.anarquista.net/contracultura/>

Figura 23: Jimi Hendrix

Disponível em: <https://the-fixer.deviantart.com/art/The-Hendrix-Experience-193935956>

Figura 24: Janis Jopin

Disponível em: <http://kultuur.info/syndmus/dokiohtu-20-janis-vaike-kurb-tudruk/>

Figura 25: Mentores geração beat

Disponível em: <http://www.beatdom.com/complicated-politics-beat-triumvirate/>

Figura 26: Paz e amor

Fonte primária

Figura 27: Woodstock (1969)

Disponível em: <http://time.com/tag/woodstock/>

Figura 27: Altamont

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/a-historia-do-rock-em-50-capitulos-8801224>

Figura 29: Obras superiores de Wes Wilson (1966), obras inferiores de Victor Moscoso (1967)

Disponível em: <https://www.pinterest.co.uk/pin/826129125367497036/>;

<https://br.pinterest.com/pin/147422587778800169/>;

<http://www.olsenart.com/fd53.html>;

<https://artistsandmakersfair.wordpress.com/2017/10/09/artists-and-makers-fair-2017/>

Figura 30: Manifestação Política

Disponível em: http://www.animalpolitico.com/wp-content/uploads/2011/05/1968Lance_pierres1.jpg

Figura 31: Da esquerda para direita: Pôster para o evento Games For May (1967), pôster alternativo para o filme The Wall; O Grito, pôster oficial do filme The Wall (1982)

Disponível em:

<http://thestrangebrew.co.uk/wp-content/uploads/2015/01/gamesformay.jpg>;

<https://proximasessao.wordpress.com/2012/04/03/the-wall-de-alan-parker/>

Figura 32: Reprodução mental segue a da visão? Gestalt

Fonte primária

Figura 33: Dark side of the rainbow (releitura)

Disponível em: <https://cademeuwhiskey.wordpress.com/2013/11/13/o-eterno-misterio-de-the-dark-side-of-the-rainbow/>

Figura 34: The dark side of the OZ

Disponível em: <https://www.osprofanos.com/pink-floyd-e-o-magico-de-oz/>

Figura 35: Capa do filme Yellow submarine (1968)

Disponível em: <http://diariodosbeatles.blogspot.com.br/2012/04/as-capas-das-edicoes-em-cddvd-e-blu-ray.html>

Figura 36: Capa do filme Magical Mystery Tour (1964)

Disponível em: <http://www.britishbeatlesfanclub.co.uk/2012/09/roll-up-roll-up-for-magical-mystery-tour.html>

Figura 37: Capa do filme Across the Universe (2007)

Disponível em: <https://www.rogerebert.com/reviews/across-the-universe-2007>

Figura 38: Mr side chair (1927)

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/488429522067673206/>

Figura 39: Juicy Salif (1990), Philippe Starck

Disponível em: <https://eltonsales.wordpress.com/category/arte-e-design/>

Figura 40: Os irmãos Artur e Erwin Braun (1956)

Disponível em: <http://designontherocks.blog.br/braun-um-exemplo-de-sucesso-no-design/>

Figura 41: Braun Snow White Coffin

Disponível em: <https://thevinylfactory.com/features/timeless-beauty-minimal-turntable-design/>

Figura 42: Between the chairs (1965)

Disponível em: https://www.bauhaus100.de/de/mitmachen/Entries/20170215_Bauhaus-LAB-2017.html Call-for-

Figura 43: Paralelo entre design e sociedade

Fonte primária

Figura 44: Tipografia da Bauhaus

Disponível em: <http://www.identifont.com/similar?23B6>

Figura 45: Grid System

Disponível em: <https://www.chiefdesign.com.br/tipografia/>

Figura 46: Capa de disco The Who

Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alexandrepgnvs/apresentao-41655284>

Figura 47: Mobiliário Studio Alchimia

Disponível em: <http://www.idisturato.com/2017/06/11/kako-je-govorilo-memphis/>

Figura 48: Ettore Sottsass

Disponível em: <http://www.artemagazine.it/rss/item/5089-i-cent-anni-di-sottsass-su-sky-arte-hd>

Figura 49: Mobiliário Grupo Memphis

Disponível em: <http://arqdesignblog.tumblr.com/post/138027878110/a-kartell-lan%C3%A7a-uma-cole%C3%A7%C3%A3o-em-tributo-ao-estilo>

Figura 50: Objetos para exposição Grupo Memphis

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/508977195378586885/>

Figura 51: Sottsass projeto residencial

Disponível em: <http://bloombety.com/modern-color-schemes-for-homes/modern-color-schemes-for-homes-with-soft/>

AUTORIZAÇÃO

Nome do autor: Fernanda Soares Rios

RG: 6883139

Título do Projeto Final: Da Filosofia ao Design: Um acorde psicodélico

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias do projeto final de minha autoria.

Joinville, 26 de fevereiro de 2018.



Mestrando(a)